

Glória de Deus e Miséria do Ateísmo



João Dias Baptista

Mai de 2023

ÍNDICE

Miséria do ateísmo

- Introdução, **2**
- O materialismo é crença sem objecto, **3**
- Todas as religiões são falsas..., **5**
- Deus não pode ser demonstrado..., **5**
- O livre-arbítrio não existe..., **6**
- Negação da responsabilidade..., **7**
- O Homem Formiga..., **8**
- A obra de Deus é imperfeita..., **8**
- A Igreja opõe-se ao conhecimento..., **9**
- A religião torna as pessoas piores..., **11**
- Jesus Cristo não é a melhor pessoa..., **13**
- O ataque, **14**
- Nota, **15**

Glória de Deus

- Desespero existencial, **16**
- Deus fez o mundo material – Astronomia, **17**
- Deus fez o mundo material – Biologia, **20**
- Deus sustenta a vida biológica, **24**
- Atente-se no livre-arbítrio, **25**
- Deus está dentro de nós, **26**
- Deus não se oculta, **27**
- Trindade ou pluralidade, **30**
- Deus tem um plano para si mesmo, **33**
- O processo da consciência, **34**
- O mal, necessário, é mitigado, **35**
- O plano pessoal dentro do plano divino, **37**
- O ciclo da alma, **38**
- Consistência, **39**
- Elevação, **41**
- Uma sociedade sem Deus presente é inviável, **43**
- Conclusão, **45**

Miséria do ateísmo

Lembrem-se que tudo é Vida, Vida dentro da Vida, o menor dentro do maior, e tudo dentro do Divino Espírito. Edgar Poe, in Eureka

Introdução

Não parece oportuno argumentar contra ou a favor da existência de Deus caso a discussão tenha como propósito atenuar a dúvida própria à custa da anulação das certezas do outro. Que cada um guarde as suas convicções, seja qual for o respectivo suporte. Confronte-se consigo mesmo, em plena liberdade interior, experimente a incomodidade da dúvida e a alegria da certeza, sem escamotear uma nem repudiar a outra.

Se a preocupação espiritual e a probidade intelectual forem genuínas, aparecerá ao peregrino um esquema consistente e completo, imagem legítima da Verdade que ele teve o mérito e a felicidade de atingir. A luz interior é indispensável. Se, em alguns, a iluminação ocorre por súbita revelação, na maioria, a revelação do Espírito é o resultado, discreto e sofrido, de uma singela preocupação que alimentou a reflexão continuada e a colecção atenta dos sinais.

Cada um segue o caminho que a sua liberdade pessoal autoriza ou impõe. As igrejas católicas e ortodoxas são belos locais de fé à sombra dos quais, ao longo de dois milénios, se manteve acesa (por milagre?) a chama de uma espiritualidade sentida. Por necessidade de higiene mental, não pode evitar-se a penosa tarefa de demonstrar, perante o leitor, a pobreza e má fé do argumentário ateu, hoje prevalente.

As linhas que aqui oferecemos não constituem reclame nem aliciamento, muito menos apreciação desonesta de convicções alheias. O bem-estar da alma não depende de artificiosos e frágeis maravilhamentos. Depende da verdade. A verdade é uma imagem factual e funcional de algo que se oculta como Todo mas se manifesta nas suas partes. Singela como é, a verdade suscita a possibilidade do milagre. Milagre que, extraordinário nos seus efeitos, se aceitará como manifes-

tação natural e corrente da misericórdia, discreta mas constantemente atenta, de Deus.

A vivência religiosa não é mais do que – estando, trabalhando, convivendo – manter contacto efectivo com Deus e, mais geralmente, com o mundo espiritual, obtendo desse contacto efeitos substanciais. Chamámo-lhe *cristianismo moderno*, não por oposição ao antigo cristianismo, mas por contraste com o cristianismo corrente. Um cristianismo moderno não se contenta em aguardar que a fé se estabeleça em resultado da mera doutrinação. A doutrinação funda-se no hábito, é base insegura e limitada da fé. Apenas pode obter a crença quando não é a crença que almejamos mas a fé. Logo que uma liberdade mais ampla permite espreitar outras possibilidades, a crença é abalada e a possibilidade da fé fica perdida. O mundo actual abre para uma diversidade de vivências que torna inevitável a curiosidade e a dúvida. Como compreender de outro modo que tantos, tendo sido educados em meio cristão, renunciem para anunciar, na meia idade, que se converteram? Foi porque, perdendo a crença da juventude, encontraram a fé após terem feito a sua caminhada do peregrino.

A doutrinação, fechando o pensamento, impede que a fé manifeste os seus infindos horizontes. A fé por doutrinação é uma fé que paralisou à nascença, uma crença. Mesmo assim, uma fé paralítica foi, durante séculos, preferível à sua ausência. A ausência da fé condena a alma ao silêncio e solta os cães do desespero.

Se o mundo actual é mais aberto do que o mundo anterior, promovendo a insegurança das crenças, também oferece a possibilidade de sustentar-se a fé em evidências seguras e diversas. Fundava-se a fé no milagre, na revelação dos santos, na palavra das escrituras, na opinião dos Doutores da Igreja supostamente inspirada pelo Espírito Santo. Não fosse o coração das gentes, a fé seria coisa pouca. Hoje, a Ciência, no quadro de uma vivência quotidiana mais sofisticada e livre, acrescenta aos antigos fundamentos e permite erguer um quadro mais completo e consistente da relação entre mundo material e mundo espiritual. Afinal, também a religião pode beneficiar do progresso geral.

Um novo enquadramento da fé esclarece os atributos de Deus, acolhe o milagre, exige a intervenção divina na odisséia da vida, desvenda o mecanismo da consciência e a acção do livre-arbítrio, explica a origem e o destino das almas, ilumina o significado da Trindade e confirma o prodigioso alcance simbólico do cristianismo.

O materialismo é crença sem objecto

Os prosélitos do *racionalismo*, os auto-denominados *livres pensadores*, estiveram à defesa durante séculos. De facto, o repúdio do materialismo é instintivo e unânime. A atitude materialista suscita antipatia e desconfiança. Entretanto, desde há mais de duzentos anos, fortalecidos por um movimento conjunto, passaram

ao ataque. As suas vitórias não são definitivas, pertencem tão só ao domínio da política, não conseguiram desmoralizar inteiramente os crentes. O comunismo proibiu o culto ao longo de setenta anos mas, quando caiu, o culto voltou.

O pensamento materialista, passada a novidade, exibiu a sua vulgaridade, a fraqueza dos lugares-comuns, incapaz de penetrar um milímetro os mistérios da existência. Os cristãos não incorrem em sectarismo ou importunidade se combaterem, como é seu dever, a propaganda do ateísmo, denunciando contradições e sofismas, contrariando que se lisonjeie a mediocridade sob o verniz do progresso e se promova o engano sob a aparência de senso comum.

Tomando para si os méritos da civilização industrial, como se fosse obra sua, os materialistas, numa exultação infantil, permitiram-se uma imprudência intelectual que os teria exposto a monumental ridículo não fosse dominarem o mundo académico e a edição em papel; não fosse, também, a indiferença dos elementos mais capazes da sociedade, absorvidos em exigentes e aliciantes actividades profissionais; não fosse a paralisia de muito clero, atingido pelo medo, pela descrença, pela corrupção.

Os materialistas imaginam-se mais corajosos e livres que os crentes. Ufanam-se de estar livres das superstições próprias dos primitivos, os quais, sujeitos à lei da selva ou à escravatura, teriam o medo por constante companhia.

Um aclamado membro da *Elite Intocável*, vencedor do Prémio Nobel da Literatura em 1950, publicou o ensaio *Porque Não Sou Cristão*. Finda a sua leitura, já lá vão muito anos – a tradução do livrinho foi publicada, em Portugal, ainda no tempo do *Estado Novo* -- ficou-nos a ideia de que, contrariando a intenção do tal autor, seria mais inteligente ser-se cristão do que ateu. Logo nos pareceu que uma questão de tal monta fora abordada com imprópria ligeireza e evidente má fé. Por detrás da candura do título escondia-se a intenção de influenciar outros para que abandonassem a fé dos antepassados.

Aquele, era um texto de propaganda, não acrescentava nada de novo a outras obras em defesa do ateísmo nem nada que merecesse cuidado exame no plano da filosofia. Na sua brutalidade, o ateísmo é filosoficamente indefensável. Atrevidamente petulante, condescendente no seu primarismo, boçal na ironia, o ensaio de Bertrand Russel (a seguir indicado por BR) destinava-se a inibir ou a embotar a sensibilidade espiritual do leitor, a fazê-lo engrossar a horda uniforme e robotizada. Precisamente o tipo de mentalidade que a religião teria fomentado, segundo a acusação daquele autor.

BR afirma e tenta argumentar que Deus não existe; se Deus existisse, não seria perfeito; as igrejas, em particular a católica, opõem-se ao progresso da sociedade e do conhecimento; a religião torna as pessoas piores; Jesus Cristo, tendo

existido, não teria sido a melhor pessoa; a humanidade, ao libertar-se do peso da religião, avança para um futuro mais luminoso e feliz.

Todas as religiões são falsas...

Considero todas as grandes religiões do mundo – budismo, cristianismo, islamismo e comunismo – não só falsas, como prejudiciais. É evidente, como questão de lógica, que, já que elas diferem entre si, apenas uma delas poderia ser verdadeira.

BR sugere, habilidosamente, que se das quatro aludidas religiões só uma pode ser verdadeira, então, três são, com certeza, falsas. Sendo assim, a probabilidade, *a priori*, de que qualquer uma delas, em particular o cristianismo, seja verdadeira é, no máximo, 1/4. Note-se: considerando não quatro mas dez religiões em plano de equivalência, aquela probabilidade baixaria, *a priori*, para 1/10. Aumentando o número de religiões em consideração, diminui a probabilidade *a priori* de uma delas ser verdadeira. Mas permanece intacta, aumenta até, a probabilidade de *uma qualquer* delas ser verdadeira. Para provar a falsidade de todas as religiões, ele teria de provar a falsidade de cada uma, uma a uma. BR ganha querendo presumir a falsidade de uma. Mas perde ao ter de provar a falsidade de todas, uma a uma. Celebrado autor no campo da Lógica Matemática, BR dá, logo de entrada, um momentoso trambolhão lógico. Claro que BR tem em vista o cristianismo. É a falsidade do cristianismo que lhe interessa demonstrar.

BR ignora que uma religião não é verdadeira ou falsa. Uma religião pretende traduzir a verdade transcendente de modo a que esta seja facilmente entendida ou, pelo menos, aceite pelos seus adeptos. É a clareza e propriedade desse tradução que, de boa fé, os teólogos independentes investigam. BR não parece interessar-se por Teologia. O seu propósito é a demolição do Cristianismo.

Deus não pode ser demonstrado...

BR afirma que a Igreja, confrontada com a derrota dos argumentos racionais, recuou proclamando que a existência de Deus pode ser provada sem ajuda da razão. Ora, proclamar que a existência de Deus pode ser provada sem ajuda da razão pode não ser desistir dos argumentos racionais mas acrescentar-lhes a prova dos factos.

Os factos são a *revelação* e o *milagre*. É claro que a *revelação* é facto individual, não pode ser reproduzida, à vontade, em laboratório. Porém, mesmo quem nunca entrou num laboratório de Física pode confiar, se quiser, na veracidade do que o Físico expõe. É assim que o cristão decide confiar na *revelação* que terá iluminado os santos e que, diariamente, ilumina muitas outras pessoas. Quanto ao *milagre*, tanto tem sido privado (as curas, por exemplo) como público (aparições ineludíveis). Contudo, pode sempre cair-se num impasse. Quem crê vê até

o que não existe e quem não crê nem sequer vê o que existe. Como veremos depois, os argumentos racionais continuam a não faltar.

Entretanto, BR contesta o argumento da Causa Primeira...

Se tudo tem de ter uma causa, então Deus deve ter uma causa. Se pode haver alguma coisa sem uma causa, pode muito bem ser tanto o mundo como Deus, de modo que não pode haver validade alguma em tal argumento.

Não é “tudo tem de ter uma causa.” São os factos do mundo material que têm de ter uma causa material. De facto, o mundo material parece regido por relações causais sequenciadas pelo tempo. Recuando à causa primeira, encontramos uma limitação no mundo material. Essa limitação sugere que o mundo não está completo sem uma grande excepção: um *Criador* não criado, de natureza não material.

BR explora ainda um argumento próximo do da Causa Primeira. O da suposta vinculação de Deus a si mesmo ou a algo a que ele próprio deve obedecer:

Se havia uma razão para as leis ministradas por Deus, então o próprio Deus estava sujeito à lei e, por conseguinte, não há nenhuma vantagem em se apresentar Deus como intermediário. Temos aí uma lei exterior e anterior aos éditos divinos e Deus não serve então ao nosso propósito, pois que ele não é o legislador supremo.

O argumento distingue Deus e as razões de Deus. O argumento é falacioso. Deus é as suas razões. Tal como um quadrado é um quadrado apenas e quando tem os quatro lados e os quatro ângulos iguais, as razões de Deus fazem parte da essência de Deus. Deus não pode ser de outro modo tal como um quadrado não pode deixar de o ser para ser. Tal como o quadrado, Deus não é decretado nem comandado, por si mesmo ou por outrem. Simplesmente, *É*.

O livre-arbítrio não existe...

O argumento do Livre-Arbítrio é o argumento essencial da existência de Deus ou, pelo menos, de um reino espiritual, eventualmente criado, corporizado e dirigido por Deus. Este argumento, ao contrário do argumento da Causa Primeira, não envolve especulação lógica pois que o livre-arbítrio é uma evidência generalizada em contradição com outra evidência generalizada, a do determinismo material.

BR acha que, estando o mundo físico sujeito a um absoluto determinismo, não vemos, dos outros, mais que o movimento do corpo estando oculta uma eventual região de pensamento puro em que a vontade fosse livre... a qual não poderia ser jamais passível de comunicação e que, por tal, não poderia ter jamais qualquer importância social. Não ocorre ao ilustre candidato a filósofo que o Livre-Arbítrio é uma faculdade que cada um pode experimentar em si mesmo, a cada instante, sendo de imediata presunção que o nosso semelhante, da mesma for-

ma, a exerce. Como é de esperar, a negação de uma faculdade tão evidente e de raiz tão evidentemente espiritual não deixa de perturbar o mais empedernido materialista, perturbação que se manifesta no espantoso absurdo da argumentação seguinte onde BR, quer ignorar a causa primeira dos movimentos voluntários.

Os materialistas valeram-se das leis da Física para demonstrar, ou tentar demonstrar, que os movimentos dos corpos humanos são determinados mecanicamente e que, por conseguinte, tudo o que dizemos e toda a mudança de posição que efectuamos se acham fora da esfera de qualquer possível livre arbítrio. Se assim é, o que quer que possa sobrar para as nossas livres volições é de pouco valor (...) Se, quando um homem escreve um poema ou comete um assassinio, os movimentos corporais envolvidos no seu acto resultam unicamente de causas físicas, pareceria absurdo erguer-lhe, num caso, uma estátua e enforcá-lo no outro. (...) A questão do livre-arbítrio, por conseguinte, permanece exactamente no mesmo pé em que estava. Pense-se o que se quiser a respeito dela como questão de metafísica fundamental, o que é bastante claro é que ninguém acredita nela na prática.

Realmente. É a moral materialista em pleno: equiparar o criminoso e o inofensivo poeta num mundo de robots, humanos ou animais presos a reflexos condicionados pavlovianos!

Negação da responsabilidade...

BR equipara o ser humano a uma mera máquina a qual, não funcionando bem, pode ser consertada. Um criminoso é apenas um homem de bem que funciona mal. De facto, a irresponsabilização do humano, a sua depreciação até ao nível da inércia mecânica é o caminho para a servidão mais absoluta. Deixar-se-à de punir para *reeducar*, eis a lenga-lenga do *marxismo cultural*. O sistema que os regimes totalitários prometem adoptar. As avarias só ocorrem por erro do mecânico – pai, professor ou líder político.

Ninguém diz: “Você é um automóvel mau; não lhe darei mais gasolina enquanto não funcionar.” Procurará descobrir qual a falha e consertá-la. Uma maneira análoga de tratar as criaturas humanas é, no entanto, considerada contrária às verdades da nossa santa religião. E isso aplica-se até mesmo ao tratamento de criancinhas. Muitas crianças têm maus hábitos que se tornam permanentes devido ao castigo, mas que, provavelmente, se dissipariam se não lhes chamássemos a atenção.

A ligeireza de BR continua a espantar. Recomendou a oficina mas, perante a irregularidade do automóvel, sugere que se continue a viagem como se nada fosse. Mais adiante, BR, num acesso de proselitismo ateu, não hesita em contradizer-se. A liberdade, negada como faculdade comum, é exaltada como atributo excepcional.

Toda a concepção de Deus é uma concepção derivada dos antigos despotismos orientais. É uma concepção inteiramente indigna de homens livres.

O Homem Formiga...

Se o cristianismo é verdadeiro, as criaturas humanas não são os vermes insignificantes que parecem ser; interessam ao Criador do universo, o qual se dá ao trabalho de ficar satisfeito quando elas procedem bem e de mostrar-se aborrecido quando procedem mal. Isto constitui um grande cumprimento. Nós não pensaríamos em estudar um formigueiro para ver quais das formigas cumpriram o seu dever na formação do mesmo, nem nos ocorreria nunca a ideia de apanhar as formigas negligentes e lançá-las a uma fogueira.

A recusa da existência de um Deus onnipresente favorece a concepção do humano como mera formiga, insignificante, anónima, desinteressante. É assim que os pequenos ególatras aspirantes a Deus -- deuses da política e da finança ou egotistas da vida comum -- tendem a encarar o outro. *Homem máquina* e *homem formiga* eis o que oferece uma sociedade sem Deus.

Segundo BR, a existência de Deus lisonjeia o humano. De facto, não o lisonjeia. Promove-o, confere-lhe dignidade. Qualquer acto conta, no formigueiro de Deus. De formiga, sob o olhar displicente de um pequeno deus chamado Russel, Hitler, Lenine ou outro títere qualquer do projecto satânico, essencialmente indiferente mas brutal, o humano ascende à categoria de *filho de Deus*, senhor e responsável dos seus actos, ainda assim, protegido pela *misericórdia* do Pai.

A obra de Deus é imperfeita...

BR estranha que, num mundo supostamente criado por um deus perfeito, se manifeste tanta injustiça e sofrimento:

Para que haja justiça no universo, como um todo, temos de supor a existência de uma vida futura para reparar a vida aqui na Terra. Assim, dizem que deve haver um Deus, e que deve haver céu e inferno, a fim de que, no fim, possa haver justiça. Argumentação que se me afigura estranha. Se eu fosse gerar uma criança sabendo que essa criança iria ser um homicida maníaco, eu seria responsável pelos seus crimes. Se Deus sabia de antemão os pecados de que cada homem seria culpado, Ele foi responsável por todas as consequências de tais pecados, ao resolver criar o homem. É sumamente surpreendente que as pessoas possam acreditar que este mundo, com todas as coisas que nele existem, com todos os seus defeitos, deva ser o melhor mundo que a onnipotência e a omnisciência tenham podido produzir em milhões de anos.

O autor não atinge que, tendo o humano sido criado à imagem e semelhança do Criador, é absolutamente livre. Não com a liberdade excepcional e épica reservada aos génios do pensamento (como BR se julgará) nem com a liberdade condicional concedida por um qualquer despotismo, mas uma liberdade inata, permanente, incondicional, perfeita. Inferno e Céu constituem alegorias de instâncias, tão reais, tão legítimas quanto o plano material, onde as almas, despidas de

ilusões e disfarces, são confrontadas com os seus actos a fim de os repararem ou potenciarem.

BR deprecia o mundo tal como tem sido mas alimenta a esperança de que venha a ser melhor logo que o humano abandone a ideia de Deus:

(O Homem) necessita de esperança para o futuro e não de passar o tempo todo voltado para trás, para um passado morto, que, assim confiamos, será ultrapassado de muito pelo futuro que a nossa inteligência pode criar.

O que esse hipotético Deus não conseguiu em milhões de anos, conseguirão as mentes esclarecidas, em poucos séculos. A infantilidade é evidente. É como um jovem que herda uma fortuna, compra um iate e afirma que o seu pai nunca conseguiu ter um. Como todo o jovem insensato, ele culpa o pai e ignora os defeitos próprios. O escritor panfletário acusa a religião mas percebe-se que o seu alvo de eleição é o cristianismo, que a alusão inicial ao comunismo, como religião, foi passageira.

É possível que a humanidade se ache no limiar de uma idade de ouro; mas, se assim é, será primeiro necessário matar o dragão que monta guarda à porta – e esse dragão é a religião.

A idade de ouro em que parte da humanidade realmente vive não se deve à boa vontade dos ateus mas, exclusivamente, aos avanços técnicos acumulados pela engenharia e pelas ciências físicas e ao seu desenvolvimento num contexto de livre mercado. Tais avanços são, à partida, espiritualmente neutros. Porém, onde regimes políticos de matriz ateia se implantaram, o empobrecimento material, o desprezo pela formiga humana e a mais insana crueldade têm sido regra e lei.

A Igreja opõe-se ao conhecimento...

O mito de que a Igreja se opõem ao conhecimento é próprio do filho displicente e ingrato. Se BR pôde saltitar de cátedra em cátedra foi porque, na longínqua Idade Média, a iniciativa monástica esteve na origem da Universidade.

A concepção da Igreja quanto à virtude é, sob vários aspectos, socialmente indesejável: em primeiro lugar e, antes de mais nada, por menosprezar a inteligência e a ciência. Este defeito é herdado dos Evangelhos. Cristo diz que devemos ser como as criancinhas, mas as criancinhas não podem compreender o cálculo.

O escárnio é especialmente malevolente e impróprio... Ser como as criancinhas em inocência e naturalidade, ainda não instruídas na mentira e na manha. Jesus Cristo não desdenhou o conhecimento: *Depois de três dias, o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas* (Lucas).

O que BR escreve de seguida continua a ter o valor da propaganda. É nesse quadro de manipulação da História que adquire importância anotar os seus argumentos:

A Igreja opôs-se a Galileu e a Darwin; nos nossos dias, opõe-se a Freud. Na época de seu maior poder, foi ainda mais longe na sua oposição à vida intelectual. O Papa Gregório, o Grande, escreveu a um certo bispo uma carta que começava assim: “Chegou ao nosso conhecimento uma informação a que não nos podemos referir sem corar: a de que ensinas a gramática a certos amigos.” O bispo foi obrigado pela autoridade pontifícia a desistir desse pecaminoso trabalho, e a Latinidade não se refez até a Renascença.

BR bem poderia ter escolhido outro papa para protagonizar a anedota. Gregório Magno viveu no século VI e foi um prolífico autor. Até o reformador protestante João Calvino admirava Gregório e declarou que ele teria sido o último bom Papa. Pelo texto citado se percebe que o problema não estaria na gramática ensinada mas nos amigos... A referência à Renascença como época redentora de uma Idade Média de escuridão, encontra-se absolutamente desacreditada pelos melhores historiadores dessa Idade Média, época de progresso do qual o mundo renascentista foi mero usufrutuário.

A Igreja não se opôs a Galileu. Reconheceu efusivamente o seu mérito de cientista. Galileu foi várias vezes recebido pelos papas da época e por eles distinguido.

No final de 1610, o padre Cristóvão Clavius escrevia a Galileu informando-o de que os seus colegas astrónomos jesuítas confirmaram as descobertas que ele tinha feito através do telescópio. Quando, no ano seguinte, foi a Roma, Galileu foi recebido com enorme entusiasmo, quer por figuras religiosas, quer por figuras seculares, tendo escrito a uma amigo: "Fui recebido com favor por muitos cardeais, prelados e ilustres príncipes desta cidade." (**Wikipedia, Abril de 2019**)

Rivalidades do meio académico, como as há hoje, determinaram os aborrecimentos que Galileu encontrou. A simples pena de confinamento a que a Inquisição o sujeitou foi cumprida no palácio de um poderoso amigo e, por fim, na sua própria casa. Mesmo assim, a propaganda anti-clerical conseguiu transformar um *fait-divers* em tragédia épica.

Também a alegação de que a Igreja se opôs a Darwin é falaciosa. Os pais da Igreja Cristã Primitiva e os eruditos medievais europeus já interpretavam a narrativa da Criação no Génesis como alegoria, não como relato histórico literal. Foi a Reforma Protestante que se ateu à interpretação literal da Bíblia de modo que o debate aceso entre “evolucionistas” e “criacionistas” se circunscreveu à Inglaterra. Tendo os “evolucionistas” erigido a teoria em filosofia universal, eles próprios contribuíram para suscitar a polémica.

As primeiras concepções sobre a evolução das espécies biológicas vieram de um crente, Jean-Baptiste Lamarck, no século XVIII. As leis da hereditariedade -- enunciadas a partir de segura base experimental -- vieram do monge agostiniano austríaco, Gregor Mendel. Por quase um século, o papado não se pronunciou sobre a teoria de Darwin. Na encíclica *Humani Generis*, 1950, o Papa Pio XII confirmou que não há conflito intrínseco entre cristianismo e teoria da evolução desde que os cristãos acreditem que a alma individual é uma criação directa de Deus e não o produto de forças puramente materiais. A questão da intervenção divina no surgimento da vida biológica e na evolução das suas formas permanece. Tanto mais premente quanto a Ciência vai revelando a incrível complexidade subjacente à existência e reprodução dos seres vivos.

Para BR, a Igreja não só se opõe ao conhecimento científico como lhe é indiferente o conhecimento prático.

... cálculo diferencial, os princípios monetários ou os métodos modernos de combate às enfermidades... Adquirir tais conhecimentos não faz partir de nosso dever, segundo a Igreja.

A obra prática da Igreja é imensa. São Bento é o patrono da Europa (em particular, da Alemanha). As ordens religiosas, Beneditinos, Cistercienses, Jesuítas, etc. animaram e ainda inspiram a Europa profunda, indissociável das grandes obras materiais, como as espantosas catedrais, e de infindas conquistas civilizacionais que foram valorizando a vida prática, da agricultura às obras sociais, e servindo de contexto à instalação, em liberdade e em paz, do empreendimento industrial e comercial.

Pode perguntar-se porque razão a ordem dos Jesuítas, criada no século XVI por Inácio de Loyola para promover e difundir o Conhecimento, tanto espiritual como laico, foi atacada e, finalmente, banida em 1767 pelos Estados europeus, excepto na Rússia e na Prússia, contra a vontade do Papa. É o auge do chamado *Iluminismo*, da arremetida maçónica para corromper definitivamente as monarquias antes de as destruir ou subjugar. Não há debate intelectual ou moral entre iluminismo e obscurantismo, nenhuma destas entidades é real. Há uma manobra de propaganda e subversão política. Há uma poderosa entidade que pretende conquistar o mundo. A entidade que faz escrever BR, já em meados do século XX.

A religião torna as pessoas piores...

Não creio que haja um único santo em todo o calendário cuja santidade seja devida a uma obra de utilidade pública. Com essa separação entre a pessoa moral e a pessoa social, verificou-se uma crescente separação entre a alma e o corpo...

O que será, para BR, uma obra de utilidade pública? São José era carpinteiro, não era ministro de coisa alguma. Nos conventos não se limitavam a rezar; des-

de os Beneditinos aos referidos Jesuítas, o propósito era a intervenção construtiva nas coisas do mundo, seja pela criação de valor material seja pela caridade. O sucesso dos jesuítas na conversão dos povos indígenas (da América do Sul) está ligado aos seus esforços para entender as culturas nativas, desde logo, as suas línguas. A primeira gramática da Língua Tupi foi compilada por José de Anchieta e impressa em Coimbra, em 1595. Os jesuítas procuraram reunir os indígenas em comunidades (as *Reduções Jesuítas*) onde trabalhavam e eram evangelizados (...) Os jesuítas tiveram frequentes disputas com os colonos já que se opunham resolutamente à escravatura. Mas BR insiste, com a má-fé habitual, que a Igreja se opôs à abolição da escravatura. E incomoda-o, não surpreende, que a Igreja se oponha ao socialismo.

As igrejas, como todos sabem, opuseram-se, enquanto ousaram fazê-lo, à abolição da escravidão e, salvo algumas poucas excepções bastante anunciadas, opõem-se, no presente, a todos os movimentos que têm por objectivo a justiça económica. O Papa condenou oficialmente o socialismo.

Eis o que Paulo escreve com grande beleza (Coríntios 7:21–7:22) dirigindo-se directamente a cada escravo:

“ És chamado escravo? Não te preocupes com isso. Mas se puderes ganhar a tua liberdade, aproveita. Segue um princípio mais amplo: Quem é chamado escravo, é livre no Senhor, assim como quem era livre, quando chamado, se torna escravo em Cristo.”

Que o Papa tenha condenado o socialismo não é de surpreender dada a natureza desumana desse sistema. É natural que BR, um socialista, o lamente enquanto ignora a existência da *Doutrina Social da Igreja* exposta na *Rerum Novarum* de Leão XIII, 1891. Note-se que a actividade política é expressamente proibida aos membros do clero, excepto em situações de urgência, e confiada aos leigos.

Se a Religião torna os homens piores, a Igreja será o ápice da maldade:

Dizem-nos, com frequência, que é muito mau atacar-se a religião pois que a religião toma os homens virtuosos... Nas chamadas idades da fé, quando os homens realmente acreditavam na religião cristã em toda a sua inteireza, houve a Inquisição, com as suas torturas; houve milhares de infelizes mulheres queimadas como feiticeiras, e houve toda a espécie de crueldade praticada sobre toda a espécie de gente em nome da religião.

Qualquer pretexto ou circunstância serve para a prática do mal. A Igreja, tanto a Católica quanto a Protestante, instituições humanas, cometeram crimes odiosos. Em nome do islamismo parece cometerem-se, ainda hoje, as piores atrocidades. O século XX, certamente um século onde as Igrejas tiveram muito pouca influência na condução da vida pública, o século da secularidade, seja no Ocidente ou no Oriente, registou perseguições, massacres, guerras, com uma frequência e a uma escala nunca vistas. BR, habilidosamente, classifica o comunismo como religião. Podemos, também, falar da religião do futebol para expli-

car as desordens promovidas pelas claques dos clubes. É um abuso do termo e, em BR, abuso desonesto pois ele não pretende criticar o comunismo nem outra suposta religião. O cristianismo é o seu alvo.

Jesus Cristo não é a melhor pessoa...

BR serve-se de passagens dos Evangelhos para tentar ilustrar a debilidade moral de Jesus, a sua falibilidade demasiado humana:

“Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação ao inferno?”. Isso foi dito a gente que não gostava dos seus ensinamentos. Esse não é, realmente, na minha opinião, o melhor tom... “Quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem neste século nem no futuro.” Este texto causou indizível infelicidade no mundo, pois que toda a espécie de criatura imaginava haver pecado contra o Espírito Santo e achava que não seria perdoada nem neste mundo, nem no outro. Não me parece, realmente, que uma pessoa dotada de um grau adequado de bondade na sua natureza teria posto no mundo receios e terrores dessa espécie.

Aquilo não foi dito a quem não gostava dos seus ensinamentos mas a quem era intelectualmente desonesto, aos hipócritas. Quanto ao Espírito Santo, Jesus pronunciou uma verdade crua. Mas o sentido profundo dessa verdade está para além da compreensão de quem, como BR, não se interessa por Teologia ou Metafísica. O que Jesus disse foi: “Quem falar contra o Filho do Homem será perdoado. Mas quem falar contra o Espírito, o Santo, não lhe será perdoado.” O Inferno é um estado da Alma, uma mágoa profunda e prolongada. O Tratado do Purgatório, de Santa Catalina de Génova, veremos mais tarde, elucida a natureza desse inferno ou purgatório que tanto incomoda BR.

Quando BR reconhece alguma sabedoria ou virtude em Jesus, banaliza-a ou renuncia a perceber o sentido mais profundo das palavras em que tal sabedoria é enunciada.

Lembrar-vos-eis que Ele disse: “Não resistais ao mau, mas, se alguém te ferir em tua face direita, apresenta-lhe também a outra”. Isto não era um preceito novo nem um princípio novo. Foi usado por Lao-Tse e por Buda cerca de quinhentos ou seiscentos anos antes de Cristo, mas não é um princípio que, na verdade, os cristãos aceitem... “queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres”. Eis aí uma máxima excelente, mas, como digo, não é muito praticada.

Dar a outra face significa que se persiste, que corajosamente se não renuncia ao que está certo, não sugere cobardia ou masoquismo. A prática de dar aos pobres não é muito praticada, é verdade. O socialista sempre distribui o que não é seu. De qualquer modo, abandonar todos os bens para O seguir não significa abdicação logística inconsequente mas reconhecer que os bens materiais nada valem por si mesmos.

O episódio em que Jesus maldiz a figueira – para lembrar que a árvore se conhece pelos frutos e os frutos se adivinham pelas flores -- é referido por BR com a mesma má-fé no intuito de apresentar o Mestre a uma luz tão desfavorável quanto possível. Jesus é acusado de manifestar pouco apreço pelos laços familiares:

A Igreja trata a Mãe de Cristo com reverência, mas Ele Próprio pouco revelou dessa atitude. “Mulher, que tenho eu contigo?”... Também diz que Ele veio “separar o filho do seu pai, e a filha da sua mãe, e a nora da sua sogra” que aquele que ama o pai ou a mãe mais do que a Ele não é digno d’Ele”... Tudo isso significa uma ruptura no laço biológico da família a bem da fé – uma atitude que muito teve que ver com a intolerância que surgiu no mundo com a expansão do cristianismo.

Jesus não aconselha nenhuma ruptura, lembra que a relação com Deus é uma relação directa, intransigente e radical. O cristianismo começa com uma família (José, Maria e o Menino). A preocupação do socialista BR com a família soa a cruel e hipócrita ironia.

O ataque

Constatareis, se lançardes um olhar pelo mundo, que cada pequenino progresso verificado nos sentimentos humanos, cada melhoria no direito penal, cada passo no sentido da diminuição da guerra, cada passo no sentido de um melhor tratamento das raças de cor, e que toda a diminuição da escravidão, todo o progresso moral havido no mundo, foram coisas combatidas sistematicamente pelas Igrejas estabelecidas do mundo. Digo, com toda convicção, que a religião cristã, tal como se acha organizada nas suas Igrejas, foi e ainda é a principal inimiga do progresso no mundo (...) Neste mundo, podemos agora começar a compreender um pouco as coisas e a dominá-las com a ajuda da ciência, que abriu caminho, passo a passo, contra a religião cristã, contra as igrejas e contra todos os antigos preceitos. A ciência pode ajudar-nos a superar esse medo pusilânime em que a humanidade viveu durante tantas gerações. A ciência pode ensinar-nos, e penso que também os nossos corações podem fazê-lo, a não mais procurar apoios imaginários, a não mais inventar aliados no céu, mas a contar antes com os nossos próprios esforços aqui em baixo para tornar este mundo um lugar adequado para se viver, ao invés da espécie de lugar a que as igrejas, durante todos estes séculos, o converteram.

Sabemos já qual a primeira estação dessa arrogância “científica”. A tirania burocrática, a omnipresença de um Estado supostamente esclarecido e iluminado, o novo deus, utopias inconsequentes com resultados desastrosos. Um resultado mais subtil dessa suposta suficiência humana é a imprudência, a ocorrência de acidentes materiais e morais que se evitariam caso o humano reconhecesse a eventual fragilidade dos seus projectos. Pode dizer-se que a negação de Deus conduz ao desamparo. Deus, cioso da nossa liberdade, afasta-se quando não é chamado.

BR julga que, com um plano educacional adequado e reformas económicas e sociais, o mundo se tornará um local aceitável. Para BR, a Religião não só se encontra na eminência de ser erradicada da sociedade como, em si, é já uma sombra do que foi:

Nos dias em que a religião ainda se mostrava triunfante, a palavra “Deus” tinha um sentido perfeitamente definido; mas, em consequência das arremetidas dos racionalistas, a palavra tomou-se cada vez mais vaga até ficar difícil saber-se o que as pessoas querem dizer quando afirmam que acreditam em Deus. A debilitação gradual da doutrina cristã verificou-se apesar da mais vigorosa resistência, e isso apenas como resultado das arremetidas de livre-pensadores.

Pois aí terá razão. Infelizmente, a resistência não tem sido vigorosa mas envergonhada. A verdade é que a pessoa sensata desconfia da ajuda de outros homens. Sabe que tal *ajuda* é paga com juros tão elevados que a *ajuda* se converte em prejuízo. Quanto à inspiração que possa receber-se desse laicismo cinzento, há muito que a pessoa comum lhe voltou costas, nauseada. As pessoas continuam, hoje como há mil anos, a intuir que, sem a presença do divino, o homem nada pode do que quer. As pessoas já não esperam muito dessa multidão de cientistas prepotentes e de peritos ineptos que tanto entusiasmam BR. Em vão se propaga essa reverência infantil dos altissonantes filósofos, dos Kant e dos Nietzsche, dos artistas, músicos, escritores e poetas. As pessoas maduras preferem contar consigo mesmas, continuar a contar com a misericórdia divina, para si e para os seus, com essa ajuda delicada ou milagrosa, sempre discreta mas incondicional, sempre solicitada e nunca imposta.

Pode acontecer que as pessoas, menos expostas ao formalismo litúrgico, efectivamente mais livres, estejam a adquirir uma ideia de Deus mais perfeita. E pode acontecer que a própria Ciência, a verdadeira Ciência e não o simulacro atrevido que tantos BRs aplaudem, ajude a compreender os atributos divinos e a estrutura geral das relações entre Matéria, Consciência, Alma e Espírito. Talvez o mistério perca a negritude e se transforme em luminoso horizonte.

Nota

Para mais informação sobre o ateísmo militante, pesquisar, por exemplo, Richard Dawkins e Christopher Hitchens os quais, essencialmente, repetem a argumentação de Bertrand Russel.

A série (legendada) *A Igreja Católica Construtora da Civilização* de Thomas Woods Jr. (disponível no You Tube) desmonta o mito de uma Igreja inimiga do progresso moral e material.

Glória de Deus

Desespero existencial

Percebo a tua ansiedade. Aguardam-te anos de labor sem que algo te garanta a saúde, a estabilidade material, a segurança afectiva. Surge a questão: -- Vale a pena viver, viver para quê, não valeria mais optar pelo repouso definitivo, sair, antecipadamente, do mundo? -- Para iludires o desespero, que sentes próximo, distrais-te com as cores do mundo em dia de sol, baixas os olhos, concentras-te em objectivos próximos, existes... Não és o primeiro que se atreve a questionar a vida tendo-a reduzido ao que a consciência imediatamente regista. Os existencialistas descreveram o desespero de quem não vê na existência outro sentido senão o de existir abandonado a si próprio, erguendo castelos de cartas destinados a ruir ou, como o descreveu Camus, levando uma pedra ao topo de uma colina para logo a ver rebolar por ali abaixo.

Terá de ser assim? Subscrever uma estratégia de aborrecimento, uma literatura de pesadelo, a cultura da irrelevância? Uma prisão onde o inferno somos nós? Um mundo onde “o inferno são os outros”? Um deserto onde um homem perdido inventa para si mesmo uma cartografia? Não!

Libertemo-nos de uma cultura sem rumo, de um pedantismo sem nexos. Fim à náusea! Cada vida, que é um percurso, tem um destino. Deus existe, criou o mundo, no mundo criou a vida, na vida existe em ti. Tem um plano e o teu destino é a parte que te cabe nesse plano.

As páginas seguintes são, disso, a demonstração. Disse Jesus a Tomé: -- Porque me viste, acreditaste? Bem-aventurados os que não viram e acreditaram. -- Não o disse em tom de censura mas disse-o lamentando. Pois bem, nós que não somos bem-aventurados, acreditemos, vendo. Os que, ainda que vendo, não querem acreditar, acreditarão depois, na vida após a vida, mas com a mágoa do tanto que na vida terrena perderam.

Demonstrar a existência do Deus Criador, enunciar os factos da sua presença sobrenatural no mundo, é fácil. Desde a noite dos tempos que tal presença foi notada em milagres e experiências mediúnicas ou místicas diversíssimas. Entretanto, a ciência, como não podia deixar de ser, descobriu-O para raiva dos que O querem ocultar.

Mais difícil será deduzir o Plano Divino, adivinhar porquê Deus quis criar o mundo material. No entanto, se a tentativa compreensão do *modus operandi* do Plano Divino requer conhecimento científico e alguma subtileza filosófica, a orientação geral comandada às almas é evidente: Liberdade dirigida pelo amor, amor fundado no conhecimento. É a aventura que o Pai impôs ao casal primevo.

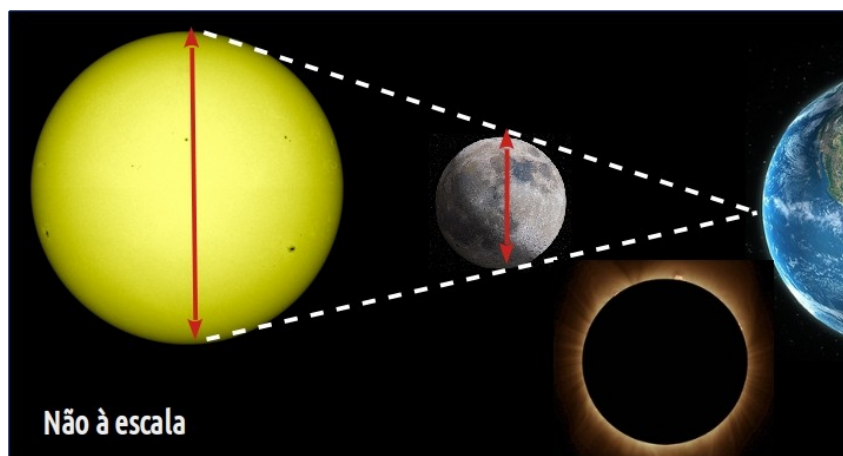
Deus fez o mundo material

Astronomia

Deus criou o universo. Deus é a primeira causa, a causa incausada. Criou o início e todos os tempos subsequentes. Num acto único ou por actos sucessivos? Para Deus é indiferente pois que Ele existe num único tempo, para Ele toda a cronologia é Presente.

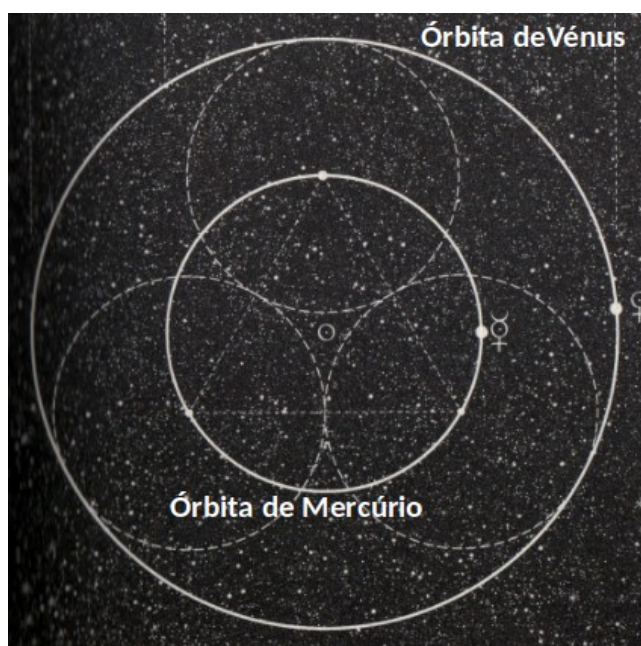
Quem mais poderia criar o mundo material senão uma entidade não material e onipotente? Se o Criador fosse material, quem teria criado o criador e assim sucessivamente? Que sim e que não, esbracejam os filósofos. O Omnisciente – pois que não há onipotência criativa sem omnisciência -- antevendo a perplexidade, ao criar o mundo deixou assinatura legível. São, ao menos três, as coincidências no sistema solar. Antecipando a incredulidade, o Criador deixou maravilhosos sinais da Sua autoria, inteligente e pessoal, do universo. Uma assinatura lavrada em três coincidências de observação acessível presentes no nosso sistema solar.

A distância da Terra ao Sol (149 milhões de quilómetros) é 400 vezes superior à distância da Terra à Lua (384 mil quilómetros). O diâmetro do Sol (1392 mil quilómetros) é, também, 400 vezes superior ao diâmetro da Lua (3480 km). Esta coincidência origina o eclipse total e exacto do Sol pela Lua, visto da Terra. Não admira que, perante o tão belo efeito de tal coincidência, os antigos, mais honestos e mais empenhados, mais objectivos do que os actuais cientistas, atribuissem divindade a esses astros.



As duas coincidências seguintes, tão maravilhosas quanto a anterior, estão descritas pelas respectivas figuras. Cada uma de tais coincidências relaciona entre si os raios das órbitas de dois planetas adjacentes. A razão do tamanho das órbitas permite inscrevê-las nessas figuras.

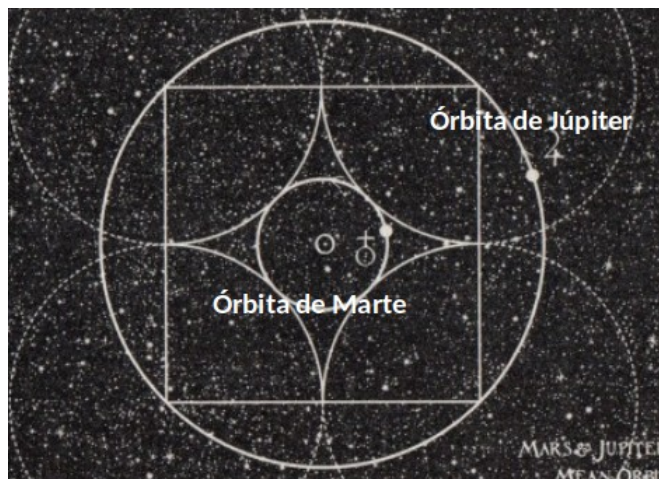
A figura seguinte é constituída por três circunferências tangentes, do mesmo tamanho. A órbita de Mercúrio passa pelos centros das circunferências enquanto a órbita de Vénus é tangente e exterior a essas circunferências.



Façamos a verificação. Se o raio de cada circunferência for igual a uma unidade, o lado do triângulo terá, de comprimento, duas unidades; a órbita de Mercúrio terá raio igual a 1,155 (ver um qualquer calculador de triângulos equiláteros na Internet) enquanto o raio da órbita de Vénus será $1,155 + 1 = 2,155$. Assim, a razão dos raios das órbitas virá $2,155 / 1,155 = 1,86$.

Ora, a órbita de Mercúrio tem raio 57 909 227 km enquanto a órbita de Vénus tem raio 108 209 475 km. A razão entre os raios é... 1,86.

A figura seguinte relaciona as órbitas de Marte e de Júpiter. São, agora, não três mas quatro circunferências tangentes entre si. A órbita de Júpiter passa pelos seus centros enquanto a órbita de Marte lhes é tangente pelo interior. Repare-se como esta coincidência é tão parecida, quanto possível, com a anterior. Nesta segunda coincidência, é a órbita de Júpiter que passa pelo centro das quatro circunferências enquanto a órbita de Marte lhes é tangente mas por dentro.



Façamos a verificação. Se o raio de cada uma das quatro circunferências for igual a uma unidade, procuremos o raio, r , da circunferência interior, aplicando o teorema de Pitágoras ao triângulo rectângulo constituído por dois lados do quadrado e por uma diagonal:

$(2r + 1 + 1)^2 = (1 + 1)^2 + (1 + 1)^2$ ou $(2r + 2)^2 = 8$ ou $4r^2 + 8r + 4 = 8$ ou $4r^2 + 8r - 4 = 0$. A raiz positiva da equação é $r = 0,414$. Sendo assim, se a órbita de Marte tivesse um raio igual a 0,414, a órbita de Júpiter teria raio igual a 1,414. A razão dos raios fica $1,414 / 0,414 = 3,41$.

Ora, a órbita de Marte tem raio 227 943 824 km enquanto a órbita de Júpiter tem raio 778 340 821 km. A razão entre os dois é... 3,41.

Tais coincidências só poderiam ser apreciadas no século XVIII, conhecidas as órbitas planetárias através de observações precisas e de métodos matemáticos suficientes. O século em que a descrença estava a ser fomentada sob a ideia falsa de que a ciência tornaria supérflua a ideia de Deus. Que oportuna, que irónica é a providência divina!

Maravilhosas “coincidências.” São a assinatura de Deus, explícita, perante a qual o debate filosófico se torna impertinente. Alguns argumentam que coincidências são irrelevantes, nada provam. Afirmou um físico de renome que deparar-se com uma qualquer matrícula automóvel é uma coincidência como outra qualquer. Esquece, ou quer fazer esquecer, que coincidência significativa é encontro (significativo) entre planos distintos. Na grande cidade, cruzo-me com milhares de pessoas que não conheço; porém, se me cruzo com alguém que não via há muito e por quem nutro especial simpatia, pessoa que até vive noutra cidade, manifesto surpresa e alegria; é coincidência. Coincidência fruto do acaso ou tecida pelo destino, pela providência divina? As três coincidências astronómicas referidas calam o ateu e embaraçariam o dogmático católico do século XVI pois que este colocava não o Sol mas a Terra no centro da sua geometria.

Quereis outras provas, senhores filósofos do ateísmo? Pois se estas não vos bastam, outras vos seriam inúteis. E vós, supostos arautos de Deus – os de todas as confissões -- porque não proclamais tão reveladoras, piedosas e graciosas evidências do Criador?

E, já agora, que falamos de astronomia, atentai na imensidade do universo para terdes uma ideia da potência inaudita desse Criador do mundo da matéria. Perguntamos-nos porque criou o Pai um universo tão imenso. Mais um sinal do seu poder ou distribuir-se-ão outras vidas na imensidade, outras Terras sob outros sóis? Disse Jesus: -- Tenho outras ovelhas que não são deste redil. Também a essas eu tenho de conduzir; escutarão a minha voz e serão mais um rebanho com um pastor.

E há os cegos a guiar cegos, os que, fazendo-se passar por cientistas, guiam os que da ciência não têm ideia nenhuma. Eu sou dos que, vendo, acreditam, feliz por ver, feliz por crer. Para trás filosofias, fiquemos pelos factos. Deus os semeou, basta colhê-los!

Deus fez o mundo material **Biologia**

Não são, a perfeição, variedade e beleza dos seres vivos, suficientes sinais (indícios não probantes) da criação divina dentro da criação divina? Aves e flores cuja beleza excede o “indispensável,” frutos cujo alimento excede a conveniência da árvore...



Disse Jesus: -- Nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um desses lírios. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós!

Não surpreende a exacta adequação da geofísica à vida biológica? Surpreende! Foi de tal surpresa e encantamento que surgiu, em todos os povos, a religião.



Mas vieram tempos -- os actuais -- em que, encerrados no estreito e escuro horizonte da cidade, privados das estrelas, das aves e das flores, entretidos no usufruto das coisas, vaidosos de uma suposta ciência de que não participam e que, por isso, os engana, os povos se esqueceram do divino. Foi neste tempo, já de descrença organizada, no tempo certo, como sempre, que a ciência volta a encontrar-se com a demonstração divina. É descoberto o ADN, a confirmar a extrema complexidade da engenharia da vida.

Lançando um dado, é forçoso que, ao fim de uns tantos lançamentos, acabem por ter saído todos os números. É a ideia do “acaso e da necessidade” que quer circundar a evidência da intervenção de uma inteligência sobrenatural na organização da química da vida. Para o ateu, a vida surge do acaso após inúmeras e suficientes tentativas. Mas o aparecimento da vida, se fruto do acaso, exigiria que, ao longo de milhões de lançamentos daquele dado, saísse sempre a mesma face ou, o que é o mesmo, saíssem as faces por uma certa ordem pré-estabelecida.

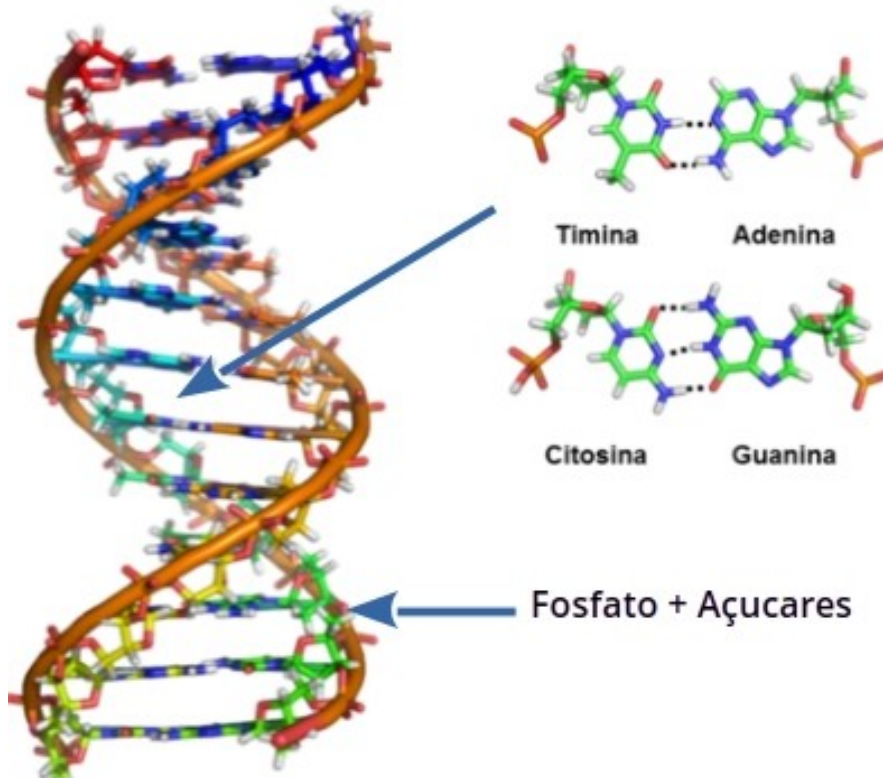
Antes de se conhecer a extrema complexidade da vida biológica, ainda pensavam alguns, até meados do século XIX, que a vida podia surgir espontaneamente. Mas a vida surge da vida, demonstrou-o concludentemente Louis Pasteur.

Aparece, entretanto, a teoria da evolução das espécies, a qual distraiu da questão essencial, a abiogénese, o aparecimento da primeira forma de vida, o antepassado comum. Deus teve de criar a vida a partir da não vida!

Sem ADN não há vida! O ADN é um extensíssimo programa informático que acompanha cada célula e lhe determina as estruturas que a configuram e os processos que nela ocorrem. O ADN possui centenas de milhar de unidades moleculares – bases nitrogenadas -- que se encadeiam segundo uma ordem certa “penduradas” numa cadeia de açúcares unidos pelo grupo funcional fosfato. Ver figura.

O ADN foi descoberto em 1952, por Rosalind Franklin, por meio da técnica de difracção de raios X. Entretanto, foram sendo analisados os genomas de inúmeras

espécies vegetais e animais. A cadeia de ADN mais curta, a que mais facilmente poderia formar-se como fruto do acaso, contém mil e setecentas bases, no vírus da hepatite D. Mas um vírus não é organismo autónomo, exige rapidamente um hospedeiro. A cadeia de ADN mais curta a codificar um organismo autónomo inclui 160 mil pares de bases, na bactéria *C. Ruidii*.



Impossível que um conjunto detalhadamente organizado de milhões de átomos possa ser obra do acaso. Em circunstâncias absurdamente favoráveis -- uma mítica “sopa química” de bases nitrogenadas em elevada concentração estendida a todos os supostos oceanos de todos os supostos planetas do universo conhecido -- a síntese casual de uma molécula de ADN uma e apenas uma só vez, em toda a extensão do universo e em toda a sua duração, seria razoavelmente de esperar caso tal molécula não tivesse mais do que uma centena de bases nitrogenadas. A probabilidade de que uma centena de bases nitrogenadas se encadeie de certo modo é igual à probabilidade de encontrar, por acaso, um certo átomo em toda a nossa galáxia.

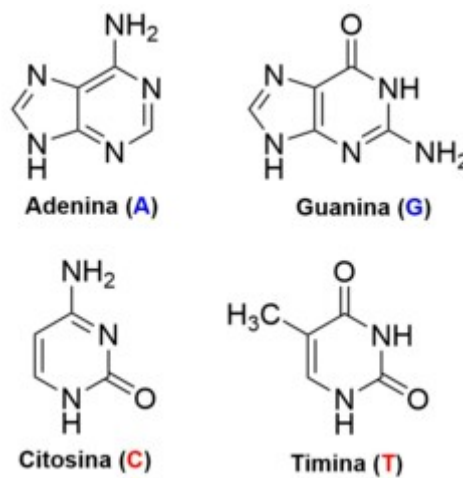
De facto, o número de arranjos possíveis numa sequência de 100 bases nitrogenadas é imenso:

$$4^{100} = 10^{60} \text{ (1 seguido de sessenta zeros)}$$

Começo bem modesto da vida que nem é começo nenhum! Recorde-se que o menor ADN conhecido possui três mil bases e pertence a um vírus, organismo

que ainda não é autónomo. O menor ADN de um organismo autónomo, uma bactéria, contém 160 mil pares de bases.

Dizem alguns que o processo não teria de ser imediato mas ocorreria passo a passo. Um disparate! Dada a instabilidade da cadeia, recorde-se que os açúcares são solúveis em água, o processo de formação de uma molécula de ADN teria de ocorrer depressa e de uma só vez. A ideia da “sopa química” é, igualmente, disparatada. As bases nitrogenadas (ver figura) resultam, na natureza, do metabolismo de um organismo vivo; porque estariam presentes, ainda mais, em elevada concentração, antes do aparecimento da vida?

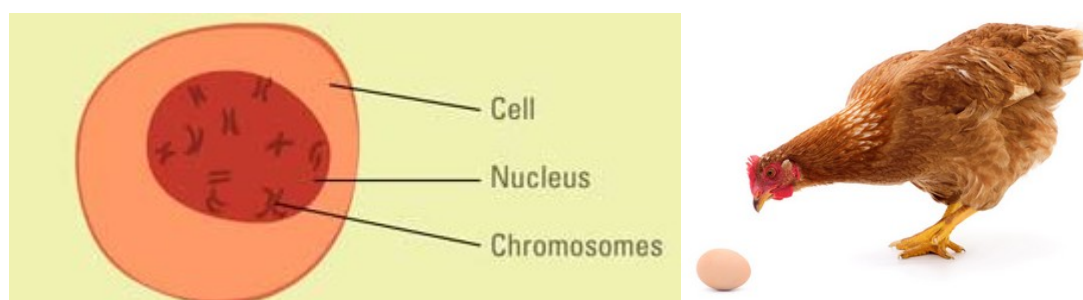


É patética a cadeia de mecanismos inverosímeis que os “cientistas” ateus imaginam ao querer demonstrar que a abiogénese ocorreu naturalmente. Referem um mundo inicial de moléculas de ARN (uma espécie de ADN sem a dupla hélice) capazes de auto-replicação, propriedade que não se manifesta nas células vivas, mas que alguns “pesquisadores” afirmam constatar in-vitro. Assim, sobre a hipótese descabelada da “sopa química primordial” erguem novas hipóteses, igualmente descabeladas mas que afirmam verificar em laboratório...



A probabilidade de o ADN surgir por acaso é nula, tanto mais que tem de formar-se de uma só vez e imediatamente; de outro modo, enquanto se formasse, ao mesmo tempo se degradaria (os açúcares são imediatamente solúveis em água). O ADN só subsiste dentro da célula, dentro da célula dentro do núcleo, dentro do núcleo “empacotado” nos cromossomas. Ora, estas três protecções são programadas pelo próprio ADN... É a galinha e o ovo! É Deus!

Este é o argumento lógico que demonstra a necessidade de uma intervenção “exterior” que crie a galinha e o ovo, ao mesmo tempo. É isto difícil de perceber?



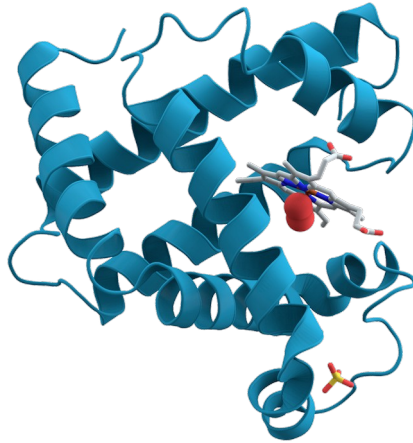
Ridículo o desespero do ateu, que tudo quer atribuir ao acaso; confrangedora a ignorância dos acólitos que voltam as costas a mais uma prova do Deus presente, a qual este fez desvendar, providencialmente, no tempo certo.

Deus sustenta a vida biológica

Por seu lado, a evolução das espécies -- o aparecimento de novas espécies -- por mutação aleatória do ADN não é viável. Pequenas mutações introduzem pequenas variantes numa população. Perante uma alteração do meio, os mutantes podem obter vantagem, sobreviver, reproduzir-se, enquanto os não mutantes morrem. É assim que as bactérias adquirem resistência à penicilina. É assim que os criadores modificam as características de uma espécie -- cavalos mais resistentes, carneiros com mais pelo, vacas a dar mais leite --. Mas a espécie permanece. Uma mutação drástica, por seu lado, gera um monstro inviável, não cria uma nova espécie.

Caso uma nova espécie pudesse resultar de uma sequência de mutações concomitantes e favoráveis, o tempo exigido seria excessivo. Ora, a “explosão” cambriana de novas espécies ocorreu há apenas quinhentos milhões de anos. Por outro lado, a evolução gradual das espécies ficaria assinalada por vestígios fósseis ou pela presença viva, de espécies intermédias, o que não se verifica. Quem ou o quê é, pois, responsável pelo aparecimento de cada nova espécie senão Deus?

No próprio “dia-a-dia” da vida, em cada milionésimo de segundo, se faz indispensável a presença do Divino. As proteínas adoptam, imediatamente e sempre, a conformação que as torna efectivas entre inúmeras com energia equivalente.



Assim, a intervenção sobrenatural faz-se necessária, desde o processo da criação das espécies até aos micro-processos da bioquímica. Mais detalhes, fascinantes, sobre essa “intervenção espiritual” no sustento quotidiano das estruturas vivas estão disponíveis. Mas não cabem neste resumo.

Atente-se no livre-arbítrio

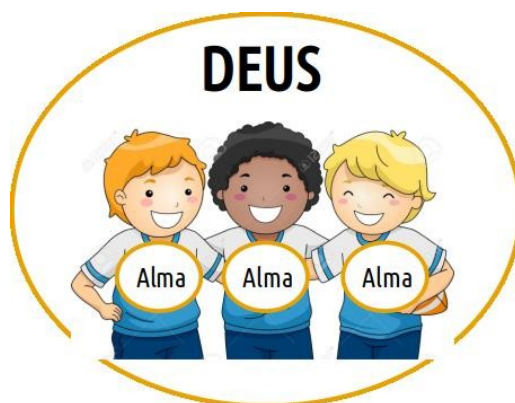
Desde que se percebeu que a matéria era determinista, que o curso das coisas materiais era tão certo quanto o das bolas de bilhar, tornou-se fácil deduzir que o livre-arbítrio se eximia a tal determinismo. O livre-arbítrio terá de ter, então, origem sobrenatural, espiritual...

É uma experiência que todos partilhamos inúmeras vezes ao longo de cada dia. Seja a escolha motivada ou indiferente, tem o mesmo valor demonstrativo, basta que nos detenhamos a apreciar a liberdade absoluta que há nessa escolha – seja a de um gesto, a de uma palavra, a de um pensamento. Mais segura evidência não pode haver. E, no entanto, querem convencer-te, os ateus, de que o livre-arbítrio é ilusório, de que, afinal, somos todos robots. Querem que desconfiemos do que é evidente para confiarmos nas especulações gratuitas desses “cientistas” de trazer por casa que sentem perdida a batalha de te afastar de Deus.

O mundo material é determinado, segue um curso inexorável que fórmulas matemáticas explicam – as da mecânica, da electricidade, da química.

Sempre que o curso das coisas depender da vontade, da intenção, do capricho que se manifesta numa escolha – outro curso seria possível -- temos espírito, temos um certo modo de criação ainda que humilde. Ao elemento espiritual por detrás das nossas escolhas chamamos alma.

Que tem o livre-arbítrio a ver com Deus? Como Deus – criador do mundo e, no mundo, criador da vida -- também é espírito, é de concluir que a alma é parte de Deus. Afirmou Jesus: -- O reino de Deus não vem de maneira observável. As pessoas não afirmarão “Ei-lo aqui” ou “ei-lo ali” pois o reino de Deus está dentro de vós.



Este facto, tão singelo e tão claro, não é devidamente apreciado pelos acólitos das religiões. Tratam a alma sem cerimónia, confundem a preciosa alma com o vulgar indivíduo em que encarnou. É este indivíduo terreno, eles mesmos, que os preocupa, que querem contrabandear, inteiro e à viva força, para o espírito. A confusão compreende-se pois que a alma recebe, naturalmente, a marca do seu portador.

Dizem os ateus que o livre-arbítrio é ilusório... ainda que seja evidência mais segura, mais repetível, que as evidências de laboratório em que dizem confiar.

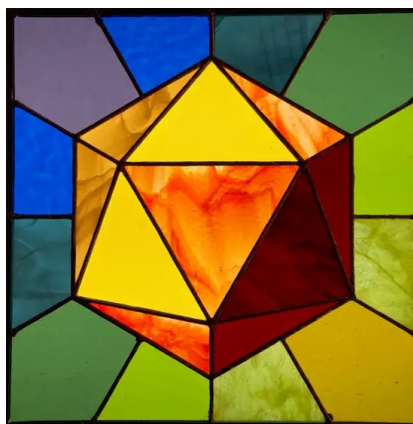
Outra fuga dos ateus à realidade evidente é a de proporem o multiverso: em cada momento, seria gerado um universo por cada decisão que possamos tomar. Ora como as possibilidades são infindas -- podemos lançar uma bola em qualquer direcção e com qualquer velocidade -- serão gerados inumeráveis universos em cada instante...

Deus está dentro de nós

É um princípio espiritual, a alma, que protagoniza o livre-arbítrio. A alma é Deus dentro de nós. Por nosso intermédio, por intermédio da alma de cada um, Deus pode intervir no mundo material, dando-lhe o seguimento mais propício. A alma possui uma estrutura complexa. Santa Teresa de Ávila, mística cristã, deixou-o sugerido no seu Castelo Interior. Não se pense que a Igreja acolhe facilmente as revelações místicas. Pelo contrário.

O arbítrio pode ser criminoso. É o sinal de que a alma foi contaminada no mundo material. Mas se a alma é uma parte de Deus e se Deus é perfeito como pode tal acontecer? Isto só pode significar que a Criação está em curso, que Deus ainda opera em Si mesmo, não porque não seja perfeito mas porque quer ser ainda

outra coisa mais. Imaginemos Deus como esfera, a forma perfeita. Partindo da esfera, Ele quer ser, também, poliedro.



Deus criou e sustenta o mundo físico para que ocorra uma evolução em Si mesmo. Ele deseja que as suas menores partições, as almas, sendo puras, adquiram outra qualidade. Que as almas, puras mas ingênuas, os pequenos anjos, adquiram conhecimento, maturidade, autonomia, consciência, as partes como o Todo que é o Pai. O livre-arbítrio é um treino. O “pecado” é incapacidade espiritual própria de um fragmento.

Citemos o Tratado do Purgatório, de Santa Catarina de Génova:

A ferrugem do pecado é impedimento, e o fogo a vai consumindo. Assim é que a alma cada vez mais se abre para a divina influência. Deus criou a alma pura, simples, limpa de toda mancha do pecado, com um certo instinto que a leva a buscar em Deus a felicidade. Porém, o pecado original leva-a para longe desta inclinação, e mais ainda quando são somados os pecados atuais.

Deus não se oculta

Uma vez que o mundo material é, em si, rigidamente determinado e que o livre-arbítrio das almas não é bastante clarividente, Deus instituiu uma Providência a qual, propiciando as circunstâncias e autorizando o Milagre, coordena e alivia os destinos. Inútil referir os milagres como demonstração de Deus. Suspeitar-se-á sempre dos testemunhos, ainda que numerosos, ocorram dentro ou à margem desta ou daquela Igreja. Tanto milagre que passa despercebido, mesmo a quem aproveita! Tantas graças sem as quais tanto destino se encerraria no desastre!

A mesma descrença afecta aparições marianas e as observações dos misteriosos OVNI's. Só as testemunhas ficam convencidas.

O que não pode ignorar-se, porque numerosíssimas e bem documentadas, são as experiências de quase morte, EQM, ou melhor, experiências de morte milagrosamente revertida, atendendo à extinção dos sinais vitais que ocorre durante aquelas. A consciência tem uma vivência espiritual e o corpo ressuscita. A re-

cordação é vívida, não se atenua com o tempo, o laço espiritual estabelecido não se extingue.

A quase todas as EQM é comum um avassalador sentimento de felicidade, de pertença e de unidade, o desejo de ficar, a atenuação dos laços terrenos, intensificação perceptual, pensamento e comunicação enriquecidos, sem necessidade de palavras, fundos ordenados e de grande beleza, cores maravilhosas, luminosidade ao mesmo tempo intensa e suave, sentimento de uma hierarquia entre os seres que se apresentam. Não será despropositado voltar a recordar o Purgatório, em Santa Catarina de Génova:

Não creio que seja possível encontrar uma alegria comparável à de uma alma do purgatório que não seja a que os santos têm no Paraíso. E esse contentamento cresce a cada dia por influência de Deus em tais almas; isto é, cresce mais e mais à medida que se vão consumindo os impedimentos que se opõem a essa influência.

Como vimos, o Espírito é a substância que, distinta da matéria, é capaz de a criar, dominar e dirigir com inteligência. Tal como chamamos alma ao fragmento do espírito que nos move, chamamos Deus à totalidade espiritual, incluídas as almas.

De Deus é fácil enumerar os atributos gerais de onipotência, onisciência e omnipresença. De facto, a criação de Deus que se nos apresenta, o universo material, caracteriza-se pela infinita vastidão do espaço e do tempo e pela imensa potência do que aí ocorre.

Espantoso o perfeito ordenamento e simplicidade, tornando tal criação acessível à ciência humana. Os cientistas mencionam a sintonia fina (fine tuning) das grandezas físicas. Se uma qualquer dessas grandezas – por exemplo, a carga do electrão -- tivesse um valor ligeirissimamente diferente, nem o universo existiria ou, existindo, não se verificariam as condições que permitem a vida biológica.



Notar que as características do universo não demonstram a autoria divina, embora a indiquem. O que demonstra a espantosa autoria divina é a assinatura que

Deus, piedosamente, quis deixar pelas coincidências astronómicas referidas atrás e a arquitectura prodigiosa da vida biológica.

Deus transige em manifestar-se de forma explícita, para além da sua demonstração criativa. Ou dirige-se a todos – vimos as coincidências astronómicas -- ou presenteia este ou aquele com revelações místicas, este e aquele, com milagres que falam por si. Mas como este texto é dedicado aos indiferentes e aos ateus, até a presença divina, personalizada e persuasiva, em Jesus passaremos em claro.

Não sem lembrar que as revelações místicas – acompanhadas ou não de manifestações físicas -- não são raras e que, de modo geral, são mal acolhidas pelas hierarquias religiosas. Santa Teresa de Ávila, mística do séc. XVI – O Castelo Interior – e o Padre Pio, grande taumaturgo do séc. XX, foram incomodados. As aparições mais espectaculares da Mãe de Jesus – Zeitoun, no Cairo; Garabandal no norte de Espanha – têm sido ignoradas. Inútil continuar...

As experiências de quase morte, EQM – que, mais adequadamente, deveriam designar-se por experiências de morte revertida pois que quase todos os seus protagonistas estavam tecnicamente mortos quando experimentaram o plano espiritual – são, ao mesmo tempo, milagre clínico e experiência mística. São inúmeras – quase todos temos um familiar ou amigo que testemunha – e estão perfeitamente documentadas.

Terão sido as experiências fora do corpo – das quais as mais notáveis e frequentes são as EQM -- mais do que a observação do mundo, que ao longo de milénios alimentaram a crença, comum a todos os povos, de um plano sobrenatural povoado por anjos e dirigido por Deus? O detalhe da pintura de Hieronymus Bosch, Ascensão dos Abençoados, 1505, ilustra um detalhe presente em muitas EQM, o túnel de luz que conduz às portas do Paraíso.



Deus mostra-se muito às suas criaturas mas pouco fala de Si. Falou por meio de Jesus, não tanto de si mas do que esperava de nós. E, no entanto, conhecer Deus por dentro poderia ajudar-nos a perceber os seus propósitos e, assim, a torná-los os nossos.

Trindade ou pluralidade

A partir das suas manifestações, algo de muito sumário – mas o suficiente para obter orientação essencial – se pode conhecer de Deus. Conhecer Deus por dentro é vislumbrar-lhe uma estrutura. O conceito do Deus triúno foi inovação do cristianismo inspirada por Jesus: “Eu estou neles e Tu (o Pai) em mim, para que eles atinjam a completude em um.”

Citando alguém:

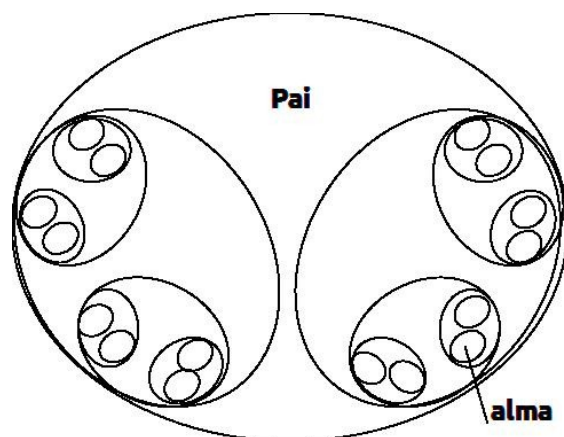
As pessoas (da Trindade) são modos de existência, centros de consciência, na essência do Ser. De alguma forma, o ser de Deus é tão maior que o nosso que dentro de seu ser único e indiviso pode haver um desdobramento em relacionamentos interpessoais, de modo que pode haver três pessoas distintas.

Deus é espírito, todo o espírito. A alma é espírito, logo, a alma é parte de Deus. Ser parte não subtrai, acrescenta as propriedades da parte ao próprio do todo.

A questão mais controversa reside no Espírito Santo, uma pessoa que não fala. Onde encaixar a multidão dos anjos? E as almas? E a Mãe de Jesus, Rainha do Céu? E, eventualmente, muitas outras entidades espirituais de que não estamos cientes? Ao menos, de Maria, Mãe de Jesus, podemos estar cientes tantas têm sido as suas aparições ao longo dos séculos. Quantas pessoas há em Deus, afinal? Inúmeras!

O Espírito Santo não é, afinal, uma pessoa, é o “material” de que Deus é feito. Falar no espírito de Deus é redundante e impróprio pois todo o espírito está em Deus. As inúmeras entidades no Espírito (Santo de Deus) resultariam da generosa e sucessiva partição de Deus até ao limite inferior da alma. Entre aquelas entidades existirá, se assim for, uma hierarquia natural. Tal hierarquia, que não é imposta, manifesta-se, em cada entidade espiritual, pela amplitude (do contexto) da sua liberdade e pela intensidade e certeza do amor que move a sua vontade.

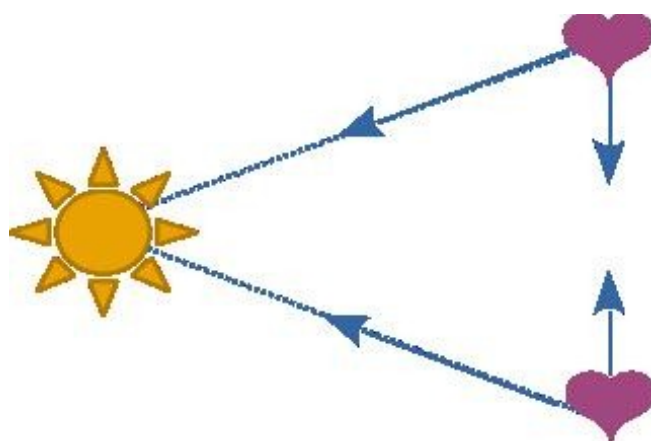
Note-se que cada partição não anula a entidade espiritual partida, tal como um ser vivo é composto de órgãos, estes, de tecidos, estes, de células e, estas, de organelos. Todas estas entidades vivem em plena liberdade, no contexto próprio de cada uma. O que é prodigioso no ser divino é que as entidades espirituais que o constituem são dotadas de consciência inteligente. É prodigioso porque da consciência surge a vontade sendo que tais vontades, permanecendo livres, estão em harmonia.



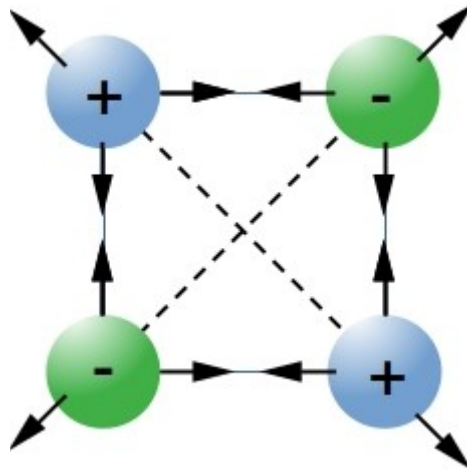
O Pai e o Filho

O Pai é a vontade una de Deus, o criador de si mesmo, o ponto de convergência do espírito, o Sol espiritual. É o Pai que estabelece as duas leis naturais do espírito a que obedecem todas as suas entidades, desde os anjos superiores às humildes almas:

- Pela sua generosidade, outorga, como impulso, a liberdade – independência das vontades -- às entidades espirituais. O livre arbítrio das almas é suficiente demonstração.
- Pela sua centralidade, determina, como orientação permanente do impulso livre, o instinto do amor. Notar que a aproximação ao centro paterno redonda em mútua atracção. Só o amor garante a permanência de uma estrutura, ainda mais, constituída por entidades dotadas de vontade própria. Pelo contrário, o desamor, a indiferença, determinam a dissolução do conjunto.



A matéria distingue-se do espírito em que está organizada por forças atractivas e repulsivas, em número e intensidade igual, sujeitas à mesma lei do inverso das distâncias. No entanto, também no mundo material domina a atracção, como se demonstra facilmente considerando a estrutura de um cristal. Tal é a absoluta competência do Criador.



O Filho é identificado a Jesus Cristo. O Evangelho não será demonstração da existência do Filho. Mas a sublimidade da narrativa, a sua riqueza e lógica sutil e certa, encantam, comovem, inspiram, convencem. Consideremos então o Filho como entidade primeira, depois do Pai. Especulemos:

Jesus é o agente do Pai no mundo material. Não vemos o Pai mas vimos e ouvimos Jesus.

Jesus gritou alto e disse: – Quem crê em mim não crê em mim mas n’Aquele que me enviou; quem me vê está vendo Quem me mandou. Eu vim como luz para o mundo para que todo aquele que crê em mim não permaneça na escuridão. Se alguém ouve as minhas palavras e não as observa, eu não o julgo. Não vim para julgar o mundo mas para salvar o mundo. Porque eu não falo por mim próprio, mas o Pai que me enviou deu-me o mandamento sobre o que direi e falarei. Portanto, as coisas que eu digo, conforme me disse o Pai assim as digo.

Jesus é a única entidade espiritual que compreende o Pai. Enquanto o Pai estabelece o Plano, o Filho exerce-o. O Pai é garante de permanência, o Filho é agente e administrador da grande transformação que tem por instrumento o mundo material.

O Pai estabelece as duas leis – a da Liberdade e a do Amor -- o Filho acrescenta-lhes a regra do Conhecimento.

Tal como o instinto do amor se opõe à dissolução, o conhecimento é a faculdade que se opõe ao caos no exercício da liberdade, ainda mais, quando tal exercício é criativo. Postulamos que a criação da vida biológica e o seu sustento, bem como a orientação das almas e o destino das pessoas estão sob a alçada de Jesus, o Filho.

Precaução: notar que “transformação” é um termo humano. Não significa que Deus se transforme pois que ele mesmo é a transformação. Deus está fora do tempo. Se criou o tempo foi para orientação das suas criaturas. Apreendemos Deus pelas oportunas evidências que nos oferece de Si mas não poderemos nunca compreendê-lo.

Deus tem um plano para si mesmo

Clamam os ateus: -- Porque haveria Deus de nos criar, porque permitiria o mal, porque acrescentaria ao mal, que poderia evitar, o castigo eterno das suas imperfeitas criaturas, das suas tão transientes criaturas? -- Nisto, apenas ecoam a estultícia da maioria dos crentes. O plano divino serve Deus e não os humanos, serve o Criador e não as criaturas. O carpinteiro usa a madeira para fazer a mesa e não a mesa para satisfazer a madeira.

O plano divino não é, para Deus, marginal ou secundário; Deus enviou o seu filho para salvar o mundo não para o julgar. É o que faz o bom carpinteiro, aproveita o material que reuniu, não o deita fora. Vejamos qual poderá ser o plano divino e porque é o mundo material seu tão importante recurso.

Na confluência da matéria e do espírito está a alma já que esta encarna num indivíduo e com este se confunde tornando-se e tornando-o pessoa. É de suspeitar que as almas sejam o primeiro objecto do plano divino.



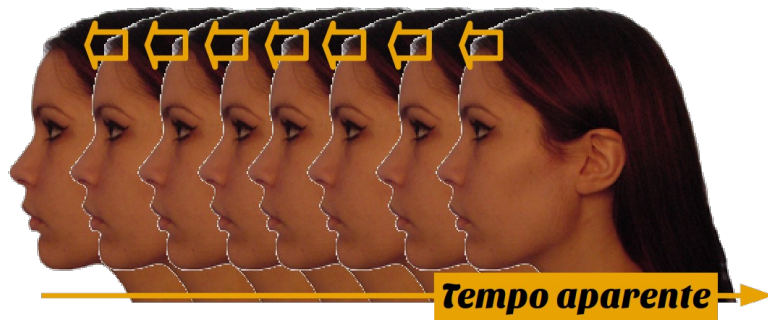
Devido à encarnação, isto é, à sua experiência do mundo material, as almas adquirem consciência de si em si. A consciência de si em si acorda a individualidade e força a vontade própria. Tal vontade adquire sentido perante as circunstâncias materiais mediante o conhecimento objectivo, isto é, o conhecimento do que é externo ao próprio. Através destas faculdades, a alma está apta a desenvolver processos criativos que a tornam similar ao Criador. Eis a finalidade do plano divino! Tal é a generosidade do Criador, cumular os seus filhos!

No início, as entidades espirituais apenas possuíam consciência de si em Deus. Consciência meramente subjectiva, liberdade apenas em potência, amor como instinto inevitável. O exercício da consciência de si em si, como qualquer exercício, comporta perigos:

- o amor, continuando instinto, deixa de ser inevitável, as pessoas podem ser más. Outras pessoas, pelo contrário, praticam o amor esforçadamente; o que era apenas instinto espiritual, evolui em deliberação.
- a liberdade, continuando potência, pode render-se a vontades alheias curto-circuitando o plano divino. Outras pessoas, pelo contrário, exercem a liberdade com coragem e convicção; o que era potência transforma-se em obra.

O processo da consciência

A consciência – de si em si – são dois que se reconhecem o mesmo, a falar um com o outro sobre algo. O algo é o mundo objectivo. Os dois obtêm-se pela permanência dos tempos cronológicos; o eu do presente fala com o eu do passado enquanto ouve o eu do futuro.



A eternidade dos tempos cronológicos tem realidade física. O passado permanece, o futuro já lá está. Não cabe aqui a demonstração do eternalismo; lembrar, ao menos, os inegáveis sonhos premonitórios. Atenção que a eternidade não é rígida; o incessante livre-arbítrio a modifica, é o vento que agita a superfície do oceano.

A consciência é um processo material tornado possível pela permanência dos tempos cronológicos. Imaginar uma cadeia de pessoas, são o tempo. A corrente da consciência é como um tijolo que é passado de mão em mão.



A vida espiritual experimenta outra dimensão do tempo. Em cada um dos seus instantes, as entidades espirituais podem aceder a todos os tempos cronológicos. Porém, tal acesso só é operacionalizado mediante o treino que as almas encarnadas fazem de um processo sequencial de causas a efeitos.

Que o espírito tem acesso a todos os tempos da eternidade é demonstrado pela certeza da providência divina. Certas “coincidências” providenciais, ainda que aparentemente poucos importantes, houveram de ser preparadas com enorme antecedência cronológica.

Durante a encarnação, as almas adquiriram feições aceitáveis e feições inaceitáveis, segundo as leis de Deus já referidas. Aquelas feições são preservadas, estas são eliminadas. A identidade do indivíduo que compõe a pessoa é tanto mais conservada quanto mais proveitosa houver sido a permanência terrena da alma. Do criminoso nada se aproveitará pelo que pode esperar a extinção definitiva, a segunda morte, a morte no espírito. O processo depurativo é automático, não envolve deliberação ou juízo. É o que a lógica e o relato das experiências místicas sugerem – Santa Catarina de Génova, Tratado do Purgatório.

São de rejeitar todas as interpretações que confundem as almas com os indivíduos, quer as que condenam as almas quer as que atribuem importância fundamental ao eu terreno. O eu terreno tem elevada importância, mas instrumental. Proclamou Jesus:

-- Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos? – Estendendo a mão por cima dos presentes, disse: – Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade do meu Pai nos céus, esse é meu irmão e irmã e mãe.

Estamos em crer que a reencarnação se faz necessária para que cada alma adquira estatura suficiente. Mas nada sabemos acerca da química das almas, se as almas valem por si ou se, agregadas por afinidade, compõem entidades básicas maiores.

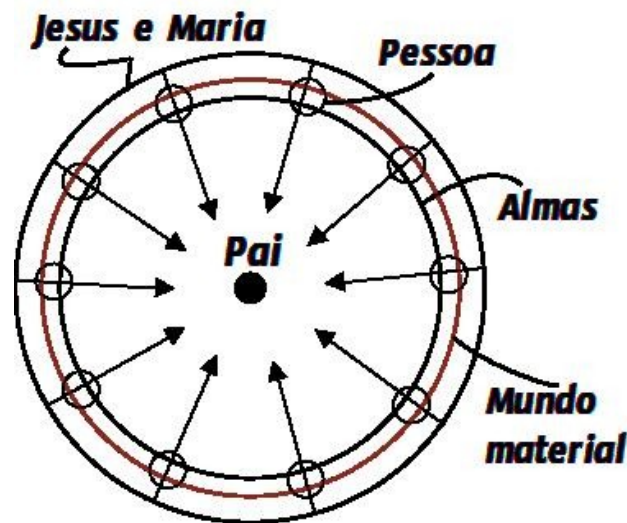
Seja como for, a promoção das almas através da encarnação é, como atrás se lembrou, um processo melindroso e exigente.

O mal, necessário, é mitigado

Sem a consciência, exacta e inabalável, do Bem – liberdade, amor, conhecimento – as almas não podem satisfazer os requisitos da sua presença no espírito. Ora, é a experiência do mal que enraíza a convicção da indispensabilidade do Bem. O mal faz parte do exercício. O facto de vir sob tantas formas a tantos indivíduos desperta perplexidade. Mas Deus é que sabe.

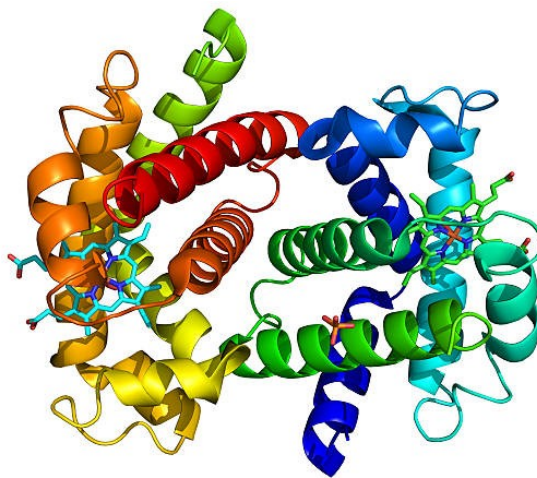
E nós sabemos que Deus não fica indiferente ao sofrimento do mal. Ele – por intermédio de Jesus e Maria – exerce uma providência permanente, prevenindo e afeiçoando as circunstâncias da vida de cada pessoa. A ingratidão é fruto da distracção; meditasse cada um sobre a sua vida e identificaria as múltiplas graças e até milagres que foram permitindo que a sua pessoa houvesse airosoamente chegado a onde chegou.

Ao desincarnar, as almas, depois de sofrerem um processo de “limpeza,” – o chamado purgatório – são, de novo, incorporadas na hierarquia espiritual. Podemos visualizar o plano divino por um esquema elementaríssimo. Nele Jesus e Maria operacionalizam a providência divina que assiste o mundo material.



Quando lhe pedimos ou agradecemos – que é o nosso modo de falar com Deus – com insistência regular, com confiança segura e inteiro despojamento, quando mostramos compreender e adoptar o seu plano, Deus faz milagres na nossa vida.

Deus não abandonou o mundo depois de o criar. Ao automatismo material que a ciência vai desvendando, sobrepõem-se constantes intervenções sobrenaturais. Umas são excepcionais. Outras são permanentes e indispensáveis ao sustento da vida – orientando a embriogénese e assistindo a conformação certa das moléculas das proteínas. Uma molécula proteica só é bioquimicamente efectiva se adoptar uma certa conformação. Ora, essa certa conformação é energeticamente equivalente a milhares de outras. Tivesse a proteína de a procurar por tentativa e erro ter-se-ia de aguardar uma infinidade de tempo, para o efeito.



O plano pessoal dentro do plano divino

Dizem alguns que Deus não existe. Outros inventam para Deus qualidades ou intenções que Ele não possui. Vimos que Deus existe, procuremos intuir o que Ele quer. Para intuir o que Ele quer, temos de conceber uma ideia geral do que Ele é.

Na unidade da sua vontade e poder, Deus é o Pai. Na pluralidade do seu querer é o Espírito (Santo). As almas são as mais elementares partições do Espírito (Santo) de Deus. Para o cristão, o Filho é a interface entre o material e o espiritual. O Espírito Santo, tal como o mundo material, é obra de Deus Pai, obra dele em si mesmo. O Plano Divino consiste na renovação -- glorificação -- do Espírito Santo, da qual o mundo físico é instrumento.

Não nos parece que o Espírito Santo seja uma pessoa. O cristianismo, que concebeu a Trindade, não terá sabido explorar essa genial intuição. O Espírito Santo de Deus é constituído por inúmeras pessoas ou personalidades, das quais, a mais importante é Jesus Cristo e as mais elementares são, como se disse, as almas.

Atente-se no ensinamento de Jesus, na derradeira ceia:

Pai, estás em mim e eu em Ti, para que eles também estejam em nós. Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um, tal como nós somos um. Eu estou neles e Tu em mim, para que eles atinjam a completude em um...

Deus existe como vontade única, o Pai, mas é capaz de manifestar-se numa imensa pluralidade de vontades. Deus está dentro de cada um de nós, é a alma. Somos criaturas de Deus, ínfimas partes do seu Espírito; porém, Ele deseja-nos à imagem da Sua totalidade. Tal é a generosa ambição do Pai, tal é o objectivo do seu Plano.

O mundo material serve para a ilustração das almas. O Pai quer recompor o seu Espírito Santo, agora de baixo para cima, acrescentar à liberdade e ao amor o conhecimento. O Pai quer que as almas percam a inocência, que adquiram a consciência que lhes faltava. O conhecimento e a consciência tornam a alma autónoma e criativa, à semelhança do Pai. Deus, através da odisséia das almas, trabalha em si mesmo, reconstitui o universo espiritual permeando-o de objectividade.

Porque existe o mal? Para que as almas percebam que as coisas não podem ser “de qualquer maneira” que uma regra geral deve ser cumprida -- a liberdade, o amor e o conhecimento são indispensáveis e indispensáveis aliados.

Transcorrida a vida, regressada a alma ao plano espiritual, que é o seu, leva consigo a conformação que adquiriu ao participar da vida da pessoa em que encarnou. Tal conformação inclui a identidade dessa pessoa. Depois, a alma sofre um processo depurativo pelo qual, da referida conformação, são eliminadas as

deformações incompatíveis com a regra geral do Espírito. É o Purgatório. Do santo conserva-se, quase inteiramente, a pessoa; do criminoso nada da sua pessoa se conserva, é a morte no espírito, a extinção definitiva. De um modo geral, a identidade dos indivíduos é atenuada. A identidade, em si mesma, é um elemento precário. Resta, da identidade, o essencial, a personalidade.

Deus criou o mundo material porque era indispensável ao Seu plano. Muitos, pensam num plano de Deus para cada um. Mas o plano de Deus é para Deus. Plano do qual, como partes de Deus, somos instrumento e sócios, é certo. O propósito da vida de cada mortal é fazer avançar esse plano, que é também seu.

Perguntemos-nos, tranquilamente: -- Quais são as minhas tarefas no quadro do Plano Divino? -- Esse é o sentido da minha vida. Esse é o contexto que legitima a existência e confere oportunidade e eficácia à prece.

O ciclo da alma

Diz-se que a vida é o lento preparativo da morte. Melhor será dizer que a vida é a breve, mas indispensável, preparação para a vida depois da morte. Sabemos, pelo eternalismo, que o passado ainda lá está, é a nossa consciência que viaja para o futuro. Mas a ilusão da sucessiva morte do passado – o nunca mais -- alimenta a saudade ou o alívio. São estes sentimentos fortes que transportamos para o espírito.

Socorramos-nos de uma analogia geométrica. A alma possui forma em si mesma e obtém conteúdo das experiências da pessoa onde incarnou. A matéria do conteúdo e a organização deste vão determinando alterações da forma da alma que o contém. O conteúdo é a objectividade, a forma envolvente é a subjectividade. Só a subjectividade é reconhecida pelo espírito. O propósito de cada encarnação é, por assim dizer, a escultura ou desenho da alma a partir do seu interior.

Se o espírito apenas acolhe a subjectividade, isto é, o contorno da alma, o conteúdo objectivo não fica perdido pois se encontra implícito nesse contorno.



Ao retornar ao espírito, a alma é, como se disse, recondicionada. A ponto de poder ter de apagar-se, inteiramente, as marcas deixadas pela encarnação pretérita e, com estas, a individualidade que a marcou. Tal apagar, a morte no espírito, suscita o pânico e desespero da entidade que se extingue. Talvez sejam essas

entidades as “almas danadas” que surgem nos exorcismos. Recorde-se que não são as almas que são condenadas, mas a individualidade que as conformou e que nelas, provisoriamente, se enformou.

Consistência

Para que a incarnação haja valido a pena, a conformação da alma terá sido, rica, acentuada e espiritualmente aceitável. O conteúdo acumulado nas vivências pessoais deverá ter sido não apenas adequado e abundante mas, também, consistente. O elogio dos simples é oportuno desde que a simplicidade não redunde em pobreza experiencial.

Um eremita limita radicalmente as suas vivências, vive uma rotina ferozmente pobre; talvez se fique pela oração ou talvez suscite, em si, experiências místicas. Neste caso, talvez as possa descrever, oferecendo ao mundo o seu relato. A vida do eremita não contraria nem adianta o plano divino ou adianta-o pouco. A ausência da vida equivale ao suicídio. Infelizmente, os que se equiparam a eremitas, os que vivem num ermo desolado, são multidão.

Um artesão que toda a vida elabora peças idênticas não é mais consistente mas é mais pobre que o artesão que percorre a variedade da sua arte. Mas tal artesão da monotonia é preferível ao diletante que percorre várias artes sem aprofundar nenhuma.

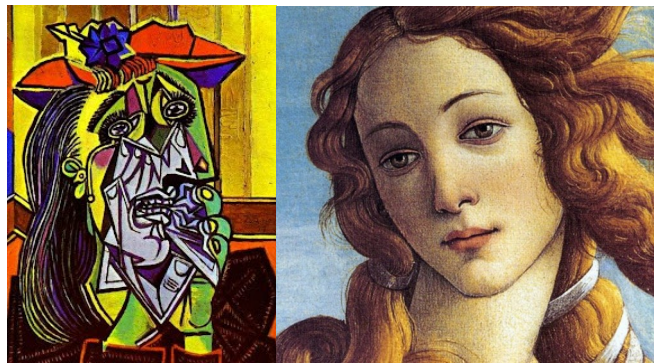


A mesma necessidade de consistência aplica-se a processos, seja qual for a natureza do seu conteúdo. É preferível um processo curto mas seguro que um processo longo mas incompleto ou inconsequente. Que o produto de cada processo sempre se traduza em obra. Consistência sempre, variedade na medida da capacidade.

Que as obras de cada um componham a obra maior da alma, a que virá a ser depositada no espírito. Para tal, é indispensável viver num certo “estado de graça,” não perder o norte, sentir o alinhamento providencial das circunstâncias e nele existir com a possível perícia.

A vida no Antigo Regime era consistente. Poucas distrações, técnicas artesanais seculares aprendidas na prática, a ruralidade ao ritmo certo do ano, poucas

utilidades domésticas. As possibilidades modernas introduziram uma enorme diversidade de coisas, de situações, de ideias, muito para lá da capacidade de integração do comum. Pior foi quanto se esvaiu a espiritualidade, integradora. Parte da diversidade foi organizada em profissões. A parte restante é uma amálgama onde os elementos valiosos – emocionais, morais, intelectuais e artísticos – se encontram misturados ou soterrados numa lixeira que os meios de comunicação unidireccional constantemente acrescentam e querem legitimar. Recupere-se o belo, que continua a brilhar entre o lixo.



“Arriscar” é um termo em moda entre os que rejeitam a economia estatista e festejam a “economia privada” e o “mercado livre.” Porém, arriscar lembra jogo, incerteza, algo que aflige a própria providência divina. Esse “arriscar” demonstra ignorância do que são a economia privada e o mercado livre, os quais, justamente, se preferem.

A produção de bens e serviços tem de ser livre, criativa – em honrada obediência ao Criador e por este inspirada -- nunca condicionada nem emperrada por um ditador imbecil (passe o pleonasma). Assim como é imperativo o mercado livre de bens e serviços; cada um tem de poder escolher, para si, o que lhe convém, sob sua responsabilidade.

Claro que o exercício da liberdade, na Terra como no Espírito, circunscreve-se ao âmbito legítimo de cada um (a sua propriedade) para que não fique ofendida a liberdade e a propriedade do outro.

A economia livre não é um jogo, é um organismo natural. O empresário, salvo raríssimas exceções, foi antes empregado para que apreendesse, com certeza bastante, os elementos indispensáveis do seu empreendimento. Não se empreende nisto ou naquilo, arbitrariamente, a não ser por interpostas pessoas. Por outro lado, entre o que vende e o que compra há uma relação complexa que ultrapassa a imediata materialidade da transacção.

De modo que a economia livre, se parece agitada à superfície, é conservadora, é consistente. Ter em conta que a maioria das empresas bem organizadas contam com décadas de vida. As empresas recentes não surgem do acaso, nascem de um

enquadramento propício que inclui a capacidade do empreendedor e o seu exacto conhecimento do mercado.

Elevação

A vida comum, caracterizada pela consistência – regularidade e nexos -- é factor de segurança, tranquilidade e fidelidade ao plano divino. Mas não basta à alma. Esta aspira já à transcendência. É necessário expandir a consciência, permitir que esta se eleve acima do quotidiano.

A elevação, na matéria, permite abranger um horizonte mais largo, ver mais coisas, intuir a paisagem. Mas evitar que a vista vagueie, se distraia, que se perca no detalhe agora impróprio. Recordar que a matéria é instrumento do espírito, erguer o olhar ao Céu, para o sentir mais próximo, e reafirmar os três grandes princípios que unem as duas instâncias – liberdade, amor e conhecimento. Distinguir, na reafirmação daqueles princípios, as suas expressões, terrena e espiritual.

A liberdade terrena é absoluta, tem como único limite a propriedade do outro, situada esta no mesmo plano que a de cada um. A liberdade no espírito é plena e pacífica; exerce-se no quadro de uma hierarquia natural que tem como vértice a vontade do Pai. Todas as manobras que tendem a uma hierarquia terrena são condenadas pela providência divina e, no tempo certo, derrotadas.

Se a liberdade é para mim, é o meu absoluto porque é Deus em mim, o amor é para os outros. É pelo amor que se sustentam as nações.

O amor, no espírito, é passivo, resulta, simplesmente, da natural aproximação de todos ao Pai. O amor na matéria é atento, activo e esforçado, desdobra-se em respeito e serviço, culmina em afecto. Felizes dos que têm a vida em comum com alguém pois é da emoção consistente que surge o sentimento. É o sentimento que configura a alma e a prepara para o retorno ao espírito.

O conhecimento é a matéria do conteúdo da alma. Deus não fala de si -- excepto quando falou pela boca de Jesus -- tal como não revela a ciência. Se o mal é indicação da absoluta necessidade do Bem, a ignorância é indicação da absoluta necessidade do conhecimento.

O conhecimento, no espírito, é subjectivo, intuitivo, prescinde da palavra. Mas o seu alcance é formidável. Através do Filho se operou e opera a criação das coisas materiais – em particular, a Vida -- numa ordenação absolutamente completa e, no entanto, segura e simples, que as entidades espirituais partilham na medida da sua ascendência.

O conhecimento, na matéria, é árduo. Objectivo, factual, racional, organiza-se precariamente na consciência de cada um, sujeito a hesitação e erro. Processo interior, exige liberdade; processo social, exige educação e colaboração amoro-

sa. Seja qual for o alcance ou âmbito do conhecimento – prático, técnico, científico, artístico, moral – é ao Mestre e Senhor Jesus que havemos de solicitar determinação, discernimento e inspiração.

Ter a casa arrumada não basta. A prevenção espiritual é de regra. Disse Jesus:

Quando o espírito impuro sai de uma pessoa, atravessa lugares sem água procurando descanso e não encontra. Diz: “Voltarei para a minha casa de onde saí.” Chegando, encontra-a varrida e bem arrumada. Então, leva consigo sete outros espíritos piores do que ele e, entrando, acomodam-se lá. E o último estado daquela pessoa torna-se pior do que o primeiro.

Indispensável o contacto explícito e regular com Deus, seja por leitura meditada – especialmente, a do Evangelho – seja pela oração, seja pela frequência de uma congregação religiosa inteligente e empenhada; Jesus frequentava o templo para debater com os doutores. Como prémio e estímulo talvez nos sejam concedidas, e são, experiências místicas maravilhosas.

Não é possível representar o Pai, seria infantil sacrilégio o uso de representações – esculturas ou imagens – para o descrever. No entanto, o uso de tais representações para tornar presentes entidades divinas mais concretas – Jesus, Maria, santos e próximos falecidos – é oportuno já que ajuda a atrair e focar a atenção. Não se adoram as imagens, estas são mero instrumento que contraria a habitual e funesta distração do divino.

A oração é reconhecer, despojar-se, agradecer e pedir. Jesus ensinou uma única oração a qual servirá de modelo à oração personalizada. Pedir pelos outros que conhecemos; pedir por nós, mas sob a condição de nos dispormos a ir cumprindo a nossa parte do plano divino.

Porque pedimos à Mãe de Jesus? Porque esta se apresentou em inúmeras aparições, manifestando a intenção da sua misericórdia, a qual, entre caminhos equivalentes propicia o menos doloroso.

Prevenidos, voemos. Evocar – pela reminiscência ou pela viagem -- outros tempos e locais, aproximar o que era distante, acordar o que estava esquecido, obter, talvez, da alma registos de outras encarnações e, assim, vislumbrar melhor o sentido da encarnação presente. Confundir o objectivo, que é material, e o subjectivo, que é espiritual, eis o essencial das experiências místicas. Desde a mera divagação mental à manifestação divina, passando pelo assistir a um pôr ou nascer do sol, pela observação atenta da natureza – flores, aves, paisagens – pelo sonho, pela digressão astral, as experiências místicas vêm sob todas as formas.

O pensamento é instrumento universal. Se escrever (ou desenhar) é pensar melhor, a Arte é a expressão mais sensível do conhecimento, a que, economizando a palavra, recusando-a até, mais nos aproxima do divino. A música marca a

transição definitiva do conteúdo para a forma, do material para o espiritual, do objectivo para o subjectivo. Que o sagrado da arte discipline o seu ímpeto.

Tal como uma faca requer o fio para que a manobra seja efectiva, assim se requerem orientações gerais para que a vida material valha a pena.

Uma sociedade sem Deus presente é inviável

São inviáveis todos os processos e sistemas naturais que Deus não sustenta.

Numa sociedade sem Deus cada um menospreza a sua liberdade. Esquece que, sendo sua, lhe foi emprestada pelo Pai com a obrigação de a exercer. Sabendo mal até onde vai o que é seu, ignora onde começa o que é do outro. Degrada-se a liberdade em poder, a regra dilui-se em jogo. O escravo, não querendo ser, revolta-se apenas para se tornar escravo de si mesmo.

Ausente o respeito, como poderiam ser exercidos, do amor, os graus mais elevados? Assim, o empenho morre no desinteresse, morre a simpatia na vida corrente e cresce a inaptidão na indústria. Na família, o afecto dá lugar à indiferença ou à prepotência. O “por amor de Deus,” deixou de ser pedido, tornado inútil, passou a desabafo. Na indiferença do escravo, todas as ignomínias são acolhidas, até a manipulação do sexo, mesmo o crime.

O conhecimento, a invenção, o progresso, também não subsistem sem Deus. Requerem o entusiasmo do serviço, do qual o amor é raiz. Entretanto, uma espessa cortina de enganos ergue-se sobre a verdade; o confuso sofisma vence a clara razão, parte da ciência instituída é vendida à falsidade.

A medicina torna-se instrumento de genocídio. Proíbe-se a amigdalina, tratamento eficaz de todos os cancros. Inventa-se a doença do colesterol para que os saudáveis (a grande maioria) fiquem formalmente doentes enquanto o tratamento – as vastatinas – suscita a doença cardiovascular, hoje, a mais comum. Medicamentos ditos tranquilizantes acentuam a tendência suicida. Enfim, a mentira do Covid como coisa grave e a imposição de supostas e mortíferas vacinas, estabelece a evidência e magnitude da conspiração.

Sob pretexto de duvidosas mudanças climáticas, que atribuem à actividade humana, é essa mesma actividade que querem paralisar, proibindo o inesgotável, eficiente e barato petróleo. As impraticáveis e dispendiosas alternativas energéticas, ditas sustentáveis, destroem o ambiente de que se apropriam, consomem uma imensidade de materiais que nunca mais poderão ser reciclados.

Os autores e agentes da conspiração são os eternos inimigos de Jesus, quem o crucificou, quem organizou as sangrentas revoluções dos séculos XVII e XVIII – as quais países civilizados ainda festejam -- quem planeou as guerras genocidas do século XX e, no século XXI, quem efectuou brutais agressões a países in-

defesos sob pretexto de democracia, tal como no século anterior o fizeram, em África, sob pretexto de descolonização. São os que, enfim, impuseram ao mundo uma moeda falsa. Para afastar suspeitas, os vitimadores vestiram-se de vítimas, montando um cenário irrisório, como lhes é costume.

O Rei, que o fora “pela graça de Deus,” já não existe. Em Portugal, o último dos reis legítimos foi exilado em 1834. Extinguia-se o Antigo Regime. A religião foi escarnecida, os religiosos perseguidos. Um vento de insanidade materialista e despudorada malícia política trouxe o contrato social, as constituições políticas – convenções abstractas, ilusionismo para tolos -- e, finalmente, a abdução do Estado sob o nome de socialismo.

Ainda houve resistência, e forte. Em 1846, o povo – o povo verdadeiro e não a sua encenação – revolta-se; é a Maria da Fonte, são as Juntas Governativas em cada um e todos os distritos da Nação. Os traidores têm de convocar a maçonaria internacional para que o seu nefando projecto – mais impostos, mais controlo do Estado, desprezo pelos costumes – não saia derrotado.

Não nos queixemos; a sociedade antiga – nobreza, clero e povo -- acumulara, certamente, vícios seculares. Deus, que sabe melhor, quis acordá-la. É para que serve o mal, esteio do bem.

Uma sociedade governada por sacerdotes, uma teocracia, seria solução caso os sacerdotes fossem gente de Deus. Mas não são ou podem não ser! Foram, também, sacerdotes os que crucificaram Jesus. Um Estado Novo, ainda que comandado por um santo, não esmagou os espíritos malignos. Estes, expulsos da casa arrumada, voltaram depois, multiplicados, conforme a parábola de Jesus.

Como sempre, Jesus, que é a face de Deus que nos assiste, tem preparadas, também do colectivo, as vias do futuro. Sejam quais forem as vias para a liberdade, o amor e o conhecimento, ocorrerá, na nossa opinião, finalmente, o seguinte:

– libertação (privatização) da educação, da saúde e das empresas públicas (em conjunto, consomem mais de metade do orçamento do Estado, com eficiência nula); – auto-capitalização das pensões; – eliminação dos impostos sobre os rendimentos (IRS e IRC) permanecendo um único imposto (IVA) correspondente e proporcional aos consumos.

– pagamento, pelo Estado, das despesas com infantários, educação geral e profissional, e com a educação superior técnica aos mais capazes; – pagamento de todas as despesas de saúde, incluindo a assistência dos incapazes; – obrigação de um vencimento mínimo e de um seguro adequado, no trabalho.

– representação genuína da Nação (através de pessoas e não de partidos) segundo uma hierarquia de eleitos que, começando nas freguesias, culmine na Assembleia Nacional; – organização definitiva, racional e minimalista do Estado;

- nomeação dos ministros, e de todos os que trabalham no Estado, por concurso público.
- limpeza funda da administração da justiça e das leis; – recuperação das forças armadas.

Conclusão

A certeza da existência de um Deus criador do mundo material e deste continuado e indispensável sustento é condição prévia e garantia bastante da conversão segura de cada um à Sua vontade. Para tal, Jesus fez os milagres que fez. As confissões organizadas, em lugar de alardear as abundantes provas e grandiosas demonstrações da existência de Deus, apelam a uma fé pessoal que sabem ser sempre hesitante, enovelam-se em dogmas irrelevantes.

O mundo material não foi criado por Deus para que fosse um “vale de lágrimas.” Nenhum pecado original nos atormenta. As almas incarnam em indivíduos para que o plano divino seja servido. Dessa incarnação resulta uma entidade nova, a pessoa. A alma contribui com o livre-arbítrio, o indivíduo contribui com a consciência.

O processo da consciência é explicado pela permanência física dos tempos cronológicos – o eternalismo – conceito que está demonstrado pela Física e confirmado pelos sonhos premonitórios. As almas são o material de Deus; nenhuma alma se perde. O que pode perder-se é a individualidade da pessoa. Após o desencarne, a alma é limpa de todas as particularidades impróprias que lhe foram impressas ao longo da incarnação. A alma subsiste, apta, agora, a reintegrar a grande família que constitui o espírito de Deus. Do santo subsiste, na alma, quase toda a inteireza da sua individualidade; do criminoso quase tudo desaparece, é a morte no espírito, a verdadeira morte. Não há julgamento, há limpeza automática da alma. O Inferno é o desespero que acompanha o desmanchar da pessoa, a dissolução do indivíduo.

A ideia de uma futura ressurreição do corpo é insensata. Por um lado, o futuro já é presente; por outro lado, o Manel ou a Maria não são, por si, importantes para o plano divino. “Nega-te a ti mesmo!” eis a mensagem que ecoa em todas as religiões.

O plano divino está em conferir às almas consciência e conhecimento para que, sendo parte, se pareçam mais com a totalidade de Deus, assumindo capacidade criativa. Ao longo de uma vida, por um processo que ignoramos, a alma converte a objectividade das vivências, o conteúdo, na subjectividade dos sentimentos e intuições, o continente.

Para que tal processo seja eficaz, a vida deve caracterizar-se por consistência – a nitidez que se opõe à dispersão -- e por elevação – antecipar, na vivência corrente, os princípios divinos da liberdade, do amor e do conhecimento.

Reconhecer a presença permanente e providencial de Deus, através de Jesus e de sua Mãe, é indispensável para sustentar a ordem e prevenir o desânimo. O mal não é mais do que a necessária demonstração da indispensabilidade do bem. O plano divino, de que as almas são agente e objecto, não é uma brincadeira.

Uma sociedade multiplica as virtudes e insuficiências das pessoas que a integram. As igrejas, elas mesmas implicadas em vícios seculares, são impotentes para reverter a doença que um agente milenar suscita e explora. Em contraste com o maravilhoso engenho técnico do presente, o Estado, de agente divino, tornou-se instrumento diabólico do parasita. Este pretende nada menos que a extinção da humanidade. Se a solução é simples, só Deus poderá, quando o entender, permitir que se cumpra.

A certeza da existência de um Deus criador do mundo material e deste continuado e indispensável sustento é condição prévia e garantia bastante da conversão segura de cada um à Sua vontade. Para tal, Jesus fez os milagres que fez. As confissões organizadas, em lugar de alardear as abundantes provas e grandiosas demonstrações da existência de Deus, apelam a uma fé pessoal que sabem ser sempre hesitante, enovelam-se em dogmas irrelevantes.

O mundo material não foi criado por Deus para que fosse um “vale de lágrimas.” Nenhum pecado original nos atormenta. As almas incarnam em indivíduos para que o plano divino seja servido. Dessa incarnação resulta uma entidade nova, a pessoa. A alma contribui com o livre-arbítrio, o indivíduo contribui com a consciência.

O processo da consciência é explicado pela permanência física dos tempos cronológicos – o eternalismo – conceito que está demonstrado pela Física e confirmado pelos sonhos premonitórios.

As almas são o material de Deus; nenhuma alma se perde. O que pode perder-se é a individualidade da pessoa. Após o desencarne, a alma é limpa de todas as particularidades impróprias que lhe foram impressas ao longo da incarnação. A alma subsiste, apta, agora, a reintegrar a grande família que constitui o espírito de Deus. Do santo subsiste, na alma, quase toda a inteireza da sua individualidade; do criminoso quase tudo desaparece, é a morte no espírito, a verdadeira morte. Não há julgamento, há limpeza automática da alma. O Inferno é o desespero que acompanha o desmanchar da pessoa, a dissolução do indivíduo.

A ideia de uma futura ressurreição do corpo é insensata. Por um lado, o futuro já é presente; por outro lado, o Manel ou a Maria não são, por si, importantes

para o plano divino. “Nega-te a ti mesmo!” eis a mensagem que ecoa em todas as religiões.

O plano divino está em conferir às almas consciência e conhecimento para que, sendo parte, se pareçam mais com a totalidade de Deus, assumindo capacidade criativa. Ao longo de uma vida, por um processo que ignoramos, a alma converte a objectividade das vivências, o conteúdo, na subjectividade dos sentimentos e intuições, o continente.

Para que tal processo seja eficaz, a vida deve caracterizar-se por consistência – a nitidez que se opõe à dispersão -- e por elevação – antecipar, na vivência corrente, os princípios divinos da liberdade, do amor e do conhecimento.

Reconhecer a presença permanente e providencial de Deus, através de Jesus e de sua Mãe, é indispensável para sustentar a ordem e prevenir o desânimo. O mal não é mais do que a necessária demonstração da indispensabilidade do bem. O plano divino, de que as almas são agente e objecto, não é uma brincadeira.

Uma sociedade multiplica as virtudes e insuficiências das pessoas que a integram. As igrejas, elas mesmas implicadas em vícios seculares, são impotentes para reverter a doença que um agente milenar suscita e explora. Em contraste com o maravilhoso engenho técnico do presente, o Estado, de agente divino, tornou-se instrumento diabólico do parasita. Este pretende nada menos que a extinção da humanidade. Se a solução é simples, só Deus poderá, quando o entender, permitir que se cumpra.

A ciência, tida como arauto da materialidade, revela, afinal, a mão divina na origem e sustento da vida biológica tal como descobriu a maravilhosa assinatura de Deus nas órbitas planetárias. Experiências místicas, apanágio dos santos, são vividas pelos muitos a quem sucede o milagre da reversão da morte. O livre-arbítrio sempre aí esteve, a lembrar que a liberdade das almas é o próprio do Espírito. Houvesse discernimento e boa fé, ninguém voltaria, hoje, as costas ao Divino. Porém, a distração, arma definitiva do partido satânico, ainda pode mais do que a informação.

Mesmo assim, para lá desta ou daquela Igreja ou religião, a espiritualidade transborda. Santo é Deus Pai, Jesus e Sua Mãe, mais nada ou ninguém. Uma humanidade que tem a certeza de Deus pode esmagar os viciosos acólitos do Satanás mundano. Até agora, este podia explorar a dúvida, enganar. Esse tempo findou, a verdade de Deus manifesta-se em esplendor.